

POESIA PHILOSOPHICA E SCIENTIFICA

(Continuação)

A educação scientifica alarga os horisontes da arte, inculdo-lhe uma orientação sensata e verdadeira. D'este modo o instincto creador exerce-se com mais facilidade e menos dispendio de força nervosa. São duas forças que se equilibram; saber não é crear, mas sabendo-se cria-se melhor. A educação scientifica aperfeicôa e fortalece o genio creador, do mesmo modo que a imaginação, aquella imaginação que tanto se distancia da phantasia, pôde ser vantajosamente aproveitada pelo sabio.

Homero era um grande erudito para o seu tempo, Lucrecio era tão philosopho como poeta, Milton era theologo como um doutor da Egreja.

A poesia não morre ás mãos da sciencia, porque tem de se transformar, aceitando a sciencia como subsidio e luminar, para acompanhar a evolução do estado affectivo e mental da humanidade; pela mesma razão o bello não desapareceu com a extincção do culto pela plastica na arte hellenica. Não ha retrocesso nem estacionamento, mas sim evolução e progresso.

O moderno ideal de belleza, decahindo da antiga adoração pelas linhas esculpturaes, refugia-se na expressão e no sentimento, e o extremo desenvolvimento do systema nervoso nas gerações modernas tem uma poderosa influencia n'esta evolução do bello e na transformação da poesia do sentimento em poesia da ideia.

O systema nervoso do homem civilisado é muito mais vasto do que o do selvagem, e com este facto correlaciona-se parallelamente a inferioridade moral e intellectual que se estampa caracteristicamente nas feições do ultimo. Mas, sob a influencia da civilisação e do progresso mental, estes signaes physiologicos de depressão moral e intellectual tendem a desaparecer, e a expressão e nobreza do rosto correspondem á superioridade do cerebro. E ao passo que a actividade do cerebro predomina e o sentimento da belleza se desloca dos membros para a physionomia, o systema muscular

depaupera-se e definha-se em proveito do systema nervoso e da massa encephalica.

A civilisação moderna produz este desequilibrio, ao mesmo tempo que revoluciona cada vez mais o sentimento do bello. Com o vestuario que encobre desgraciosamente o mais bello corpo, com os habitos da vida hodierna tão nocivos á educação physica, com os requintes do goso e do luxo excessivo, com as grandes agglomerações de população, com todas as demais causas de insalubridade, com todos os contrastes de esplendor e miseria, de excessão na actividade mental e enervamentos no corpo deformado e depauperado de sangue, com a degeneração em summa da raça produzida por estas causas e pelos casamentos viciosos, o ideal de belleza não póde residir, como o concebeu a antiguidade, no culto da fórma, da força e da perfeição physica, que foi o germen da arte na sua infancia.

E se este instincto primitivo, observado no selvagem, para agradar e dar evidencia á belleza physica ainda persiste sobretudo na mulher, pelo menos está muito desviado da sua primeira orientação. N'esta degeneração fatal da raça, aggravada pelos caprichos extravagantes ou monstruosos da moda, é inevitavel que a concepção do bello se refugie na expressão, e, com o desenvolvimento cerebral, venha a abstrahir cada vez mais da fórma, concentrando-se na perfeição moral e intellectual.

A Grecia antiga, na vida social, buscou equilibrar as forças vitales do homem pela coexistencia do exercicio do corpo e da cultura intellectual; mas na arte predomina a vida physica que se expande serena e gloriosa na pujança da fórma e na harmonia escultural. Na estatuaría grega oblitera-se da physionomia toda a expressão; no rosto, em toda a fria impassibilidade do marmore, raro se divisa vislumbre de emoção que distráia a contemplação da belleza plastica.

Contrariamente entre os modernos preleva a belleza moral, reflectida no rosto em cambiantes, delicadezas e requintes de expressão, tanto mais difíceis de sentir e interpretar quanto mais complexa a civilisação em que se produz a obra d'arte. Do desenvolvimento da mentalidade moderna, do incremento progressivo da civilisação resulta esta evolução esthetica, que, sem deixar de ser um facto, é ainda um problema a resolver.

A theoria da expressão na arte moderna, irrecusavel no seu pensamento capital, debate-se todavia no campo das hypotheses no tocante ás questões accessorias em que se subdivide, em quanto as sciencias com que mais immediatamente se corresponde, e especialmente a physiologia psychologica, não attingem um grau de desenvolvimento que permita resolver as conjecturas pelo criterio positivo.

Estamos muito distantes do racional equilibrio de cuja harmo-

niosa expressão a civilização hellenica tanto se aproxima. Na Grecia pagã a admiração pela plastica e a cultura intellectual compen-sam-se: em quanto o corpo se adentra nos gymnasios e nos jogos olympicos, o espirito exercita-se nas palestras do Agora e na admiração dos philosophos, dos poetas e dos artistas; na mocidade grega todos são athletas e artistas, guerreiros e poetas, soldados de Pericles e discipulos de Platão; heroes de Marathonia, das Thermopylas, de Platêa e ao mesmo tempo entusiastas dos versos immortaes de Homero e das palavras de ouro de Socrates.

Na Grecia os deuses não são mais do que uns seres mais fortes e mais bellos do que o homem. Em uma cidade da Sicilia adora-se como uma divindade um mancebo que se distingue pela sua belleza; Sophocles, ainda ephebo, despe-se para cantar aos deuses um hymno pela victoria de Salamina, e a formosura de uma hetaira celebre, subitamente desnudada em pleno tribunal, emociona e embrandece os juizes que absolvem a bella peccadora.

Todavia esta adoração fanatica, pela belleza physica, pela pureza harmoniosa da fórma, tem um correctivo na cultura do espirito, no entusiasmo pelas artes e no ardor pelas palestras sophisticas e philosophicas, embora as circumstancias de meio, a benignidade de clima propicia á nudez, a servilidade constituída em instituição social, e facilitando a uma mocidade selecta largos ocios que ella emprega em cultivar o vigor e a belleza physica, a religião pantheista e anthropomorpha que faz do homem um heroe e do heroe um semi-deus, façam predominar a expressão do corpo athletico e sadio, a graça e a correccão da fórma mais do que a vida moral e a belleza que affecta a alma.

Depois o homem está ainda proximo da natureza e muito distante dos artificios e dos requintes da civilização: a nudez da estatuaria hellenica representa a apothese triumphante da natureza e da humanidade em toda a simplicidade primitiva da sua perfeição evolutiva; o estatuario liberta o homem das vestes, de tudo o que é accidental e artificioso para só ostentar a belleza humana em toda a sua expansão harmoniosa e natural.

Isto não é que a civilização hellenica, sem poder comprehender ainda o decoro correcto e o convencionalismo de Racine, esteja alheia ao senso moral e á decencia; mas a arte grega, sem desconhecer a moral, não quer para si as leis que a regem. Homero e os tragicos gregos nos seus heroes dão livre curso á natureza humana; nenhuma regra convencional opprime os seus sentimentos. A arte classica, imitando servilmente os modelos da Grecia em vez de se limitar a admirar-os, só não os imitou na inspiração que bebe nas fontes da verdade natural esta espontanea, íntima e sympathica commhão com a natureza que tanto elevou a arte antiga.

Mas, porque decahiu esta fervida adoração pela plastica, que exalçou a arte grega ao apogeu da correção na fôrma, nem por isso a arte moderna se definha, como é affirmado por E. Renan e como parece ser a preocupação de H. Taine. Sem investigar agora se a humanidade melhorou sob este ponto de vista, o que importa ao caso é evidenciar que a noção do bello não se eternisa no modelo da Helena antiga, mas transforma-se como todos os outros sentimentos, e assim é que o sentimento do amor, que mais proxima-mente corresponde ao sentimento do bello, passa do ideal antigo para o mysticismo do *Cantico dos Canticos* e para os extasis de Santa Thereza e successivamente para a sentimentalidade romantica ou para a exaltação desesperadora de Werther, que na altiveza do seu grande espirito apaixonado e pensador, como Hamlet em tenebroso conflicto da pureza da sua alma com a protervia que o cerca, se despedaça em lucta tremenda contra a iniquidade tyrannica de uma ordem social imperfeita e viciosa.

A paixão de Werther nunca poderia ser sentida por um grego, e só no meio complexo da civilização moderna podia gerar-se.

Esta evolução do sentimento do amor coincide, na noção do bello, com a primazia da expressão sobre a fôrma.

Em quanto entre os antigos predominam o culto da plastica, a sensação e a impressão extrinseca do real, os modernos preoccupam-se de preferencia com o sentimento intimo da natureza e com a actividade da vida interna traduzida na expressão. Os antigos mesmo não desconheceraem inteiramente este principio em que se condensa todo o poder da arte moderna: a esthetica antiga tempera com a graça a sua exagerada adoração pela belleza plastica. É esta a ideia que preside ao mytho em que a deusa da belleza se adorna com o cinto que tem o dom da graça e a virtude de captivar os corações, e esta allegoria accentua-se ainda mais dando-se à mesma divindade por cortejo as deusas da graça.

Juno, pedindo a Venus o cinto da graça para submeter o esposo infiel, não fia a seducção da magestade radiosa da sua belleza olympica. Comtudo a graça, representada pelo accessorio do cinto de Venus, subordina-se entre os antigos à supremacia da plastica deslumbrante; a arte antiga considera principalmente no homem a sua fôrma architectonica.

Hodiernamente a graça assume uma preeminencia soberana e chama-se expressão; a arte contempla de preferencia no homem a entidade moral, a sua psychologia, a sua actividade affectiva e mental, este esplendor que se irradia dos penetraes da alma, e brilha, como o sol da propria luz, na physionomia pensadora e movimentada, attestando gloriosamente a primazia do homem moderno, e as excellencias da civilização colossal que é sua obra.

A phrase proverbial — é uma bella mulher, mas não tem expressão — resume o pensamento superior que abre novos horisontes á arte moderna, e sobretudo á esculptura, que é de todas as bellas-artes a mais ameaçada pela decadencia do corpo humano, deformado pelo vestuario, pelos caprichos da moda, pelos requintes da civilização, pelo excesso do trabalho, pela miseria, pelas demasias da vida nervosa e cerebral, pelos vicios da educação e da hygiene.

Modernamente a expressão do amor augmenta de delicadeza, de sensibilidade e profundeza, á medida que tambem cresceu a massa das ideias. A paixão amorosa, sem perder da foga antiga, descae da sua primitiva e rude simplicidade, passa pela idade media n'um relampago de selvatica impetuosidade e adquire por fim a impressionabilidade nervosa, a dedicação profunda, a sensibilidade melindrosa e melancolica, de que são vivos exemplares os typos immortaes que nos legaram Shakespeare, e sobretudo Racine, apesar do seu convencionalismo, ou Goethe.

O sentimento do amor na antiguidade, e depois ainda por muito tempo, teve na sua vehemencia uma certa uniformidade monotona, circumscripta á sensação da belleza e ao prazer; amava-se com ardor mais ou menos sensual, mas os cambiantes da paixão só modernamente apparecem expressados na obra d'arte.

Esta multiplicidade de inflexões na paixão, que porventura despontam pela primeira vez na litteratura com as tragedias de Racine, manifesta-se e accentua-se á medida que cresceu a civilização moderna e abre á arte um vasto campo de investigação.

É na obra de Racine que o imperio da mulher se affirma em toda a sua independencia e responsabilidade de seus actos, simultaneamente com uma comprehensão mais elevada do amor. A mulher deixa de ser a escrava, o instrumento de prazer, a coisa fragil, perigosa e encantadora, como ainda apparece nos contos italianos do seculo xvi, ou a creança caprichosa dos dramaturgos inglezes da Renascença. Na obra de Shakespeare a individualidade da mulher ainda não se accentua com toda a firmeza; através da ideal diaphaneidade dos typos de Ophelia, Julieta, e Desdemona, divisa-se ainda a creança; a mulher caracteriza-se só, quando excepcionalmente assume as energias varonis de lady Macbeth.

A mulher, que já não é a coisa nem a creança, em toda a plenitude da sua personalidade manifesta-se em Andromaca, Hermione, Roxana, Berenice, Monina ou Phedra.

Na moderna litteratura romantica a paixão amorosa entretece uma trama complicada de cambiantes, e, embora haja muito artificio n'esta tela intrincada onde cada romancista pretende inserir uma malha nova, é certo que na vida moderna o sentimento amoroso, como todos os outros sentimentos, se distancia grandemente da

simplicidade antiga. A grandeza na simplicidade, como expressão do bello n'uma acceção lata e absoluta, tem de soffrer uma modificação na esthetica moderna; quando o artista não vê a simplicidade no meio ambiente que actua sobre a sua imaginação creadora, é difficil empreza conseguir grandes effeitos por meio de coisas simples.

As ultimas phases do sentimento amoroso denotam um consideravel accrescimento de impressionabilidade, explicada physiologicamente pelo grande desenvolvimento do systema nervoso, que necessariamente deveria ter uma refracção na expressão do homem moderno, e é esta exuberancia da vitalidade nervosa que constitue o grande disequilibrio entre a vida physica e a vida moral, transmittido pela influencia hereditaria, e accusado pela estatistica crescente das doenças nervosas e mentaes, e ao qual, sobretudo na Inglaterra e na Allemanha, se procura obstar com a gymnastica e com os exercicios physicos ao ar livre.

Mas esta possança mental é incontestavelmente um progresso, embora ameace degenerar n'uma hypertrophia, cujo correctivo reside na resolução do problema da educação.

Sob este ponto de vista a arte ainda se relaciona com a sciencia; a physiologia moderna é um grande subsidio que faculta á arte uma comprehensão verdadeira das paixões e emoções. O conhecimento exacto das funcções da nossa sensibilidade conduzem-nos a essa comprehensão.

A arte e a poesia, por não serem ignorantes, não deixam de ser creadoras. Imaginação e genio creador, já o dissemos, são factores que reputamos necessarios na arte como na sciencia; sómente o poeta e o artista serão mais creadores do que eruditos. Um e outro sentem e pensam profundamente; mas o poeta sente mais do que pensa. A imaginação na arte por fim será sempre o ramo d'ouro do verso de Virgilio, o qual se denuncia rebrilhando na floresta sagrada por entre as folhagens das arvores de porte igual, e a educação pelos livros, por muito que aperfeiçoe os dotes artisticos, nunca poderá supprir o instincto creador e a inspiração, haurida nas fontes da verdade natural.

(Continúa).

JULIO LOURENÇO PINTO.

DIALECTOS BEIRÕES

II

LINGOAGEM POPULAR DE CASTELLO-RODRIGO

Castello-Rodrigo é uma povoação da Beira-Baixa, a pouca distancia da fronteira hispanhola, no concelho de Figueira-de-Castello-Rodrigo, districto da Guarda.

O estudo que vou fazer da lingoagem popular d'esta povoação baseia-se num texto publicado por D. Raphael Bluteau na 2.^a parte do *Supplemento ao Vocabulario portuguez e latino*. Este texto vem por seu turno como appendice ao *Vocabulario de palavras e modos de fallar do Minho, e Beira, etc.*¹ (impresso na dita 2.^a parte do *Supplemento*), vocabulario, que, segundo diz Bluteau, lhe não chegou a tempo de poder ser distribuido na obra geral.

Como o *Supplemento ao Vocabulario portuguez e latino* traz a data de 1727-1728, segue-se que o texto em questão é anterior áquella data, e que, pelo menos, representa a lingoagem popular de uma certa zona beirã em principios do sec. XVIII ou fins do sec. XVII.

Eis agora o texto, cuja orthographia conservo, introduzindo apenas, para mais clareza, aspas e outra pontuação :

VERSOS PORTUGUEZES

Compostos por hum curioso com
palavras de Castello Rodrigo
e mais partes da Beira

- 1 Sobre huma penha, em marofa,
vi a minha Musa fenta²;

¹ Em breve farei uma reedição critica e annotada d'este interessante *Vocabulario*.

² Aqui *fenta* significa *sentada*. Estará acaso em vez de *assente*.

e ay alma, *opprimindo-a* ay ancia, ³
os consolos não adrega.

- 5) Como em pefares abonda
eu teve, ao bella ⁴, tal pena
que lhe dixে num palrasse,
fendo oitra pedra entre as pedras.

- Ella* ⁵ reprecoume entonces
10 que uma cachopa lhe alembra
que *eu* ⁶ confessarei afinha
vence todas las da Beira.

- Eisque que a vejo logo breve
com a tricana amarella :
15. encheo day agoa huma malga,
para que eu mais fogo senta.

- Ao meu outeiro fe affoma,
e com folgança me leixa,
crendo qu Amor, acoimada,
20. a troffe ao cimo da ferra.

Engannime ⁷ : já lhe aprouve
explicarfe em tal maneira,
que quem era o mais ardido,
frio neste caso queda.

25. « Hui ! me diz : voffé maochas !
« Num quero que mais lhe aquesta !
« finge a ser bem tençoado,
« e aguças tem tão fobejas !

- « Pensa que está lá na Corte,
30. « donde a cachopa, que presta,
« por mais sage que fe cumpra,
« vende logo a realza,

- « e, em mentes que com diz trovas,
« cata a mantilha de feda,
35. « e ouve, e vê, esta sandia,
« cahe ⁸ prestes na eparella ?

³ No original está « *opprimido ay ancia* », de certo por erro typographico ; talvez o A. quizesse pôr « *opprimido ay ancia* » ou da maneira que eu corrigi. Em todo o caso o sentido parece claro.

⁴ *bella* = bê-la. A orthographia antiga dobrava o *l* nestes casos.

⁵ No texto lê-se *elle* ; mas, como não faz sentido, corrijo assim.

⁶ No texto está *en*, evidentemente por erro typographico.

⁷ *i.* é : *engani-me*. Vid. a explicação na *Morphologia*.

⁸ O texto tem *cabe* ; o A. queria decerto dizer *cahe* (com 2 syllabas). O proprio Bluteau traz no *Vocabulario port. e lat.*, s. v. *esparrella* a phrase *cahir na esparrella*, que é vulgar ainda hoje, e significa *foi victima*, etc.

- « Arremicas! vaife ^{8/} embora,
 « que, antre ⁹ que oitra coisa seja,
 « aboarey com as tamancas
 40. « mostrando-lhe as fapatetas ».
- Surrou-se, e, ao querer panhalla ¹⁰,
 poisque zumbára me fembra,
 inerce tresvallo nos feixos
 em que esbarraó oitras beftas.
45. Ella, que ainda me lobriga,
 m'apupa do alto da serra,
 e, de riso escangalhada,
 bem corregido me leixa.
- Atiroume com a infufa
 50. e machucoume a cabeça
 c'um telhador, que levava,
 e de huma choupana as telhas ¹¹.
- Fugio a Musa de Oibidio
 com feu exempro me efquensa,
Barbarus hic ego sum,
 56. Rimfe do Latim os Getas ^{11/}.

O texto offerece algumas incertezas, porque o auctor, querendo apresentar a lingoagem vulgar, introduziu termos que não pertenciam a essa lingoagem, mas que elle estropiou para lhes dar uma feição popular. Está nesse caso evidentemente *Oibidio* (por *Ovidio*) que o povo não usa, e de certo *inerce* em vez de *inerte*. O A. não imprimiu sempre á phrase o cunho da construcção popular, porque a metrificacção obstou a isso.

Em todo o caso, alguns factos curiosos se podem apurar positivamente, e, emquanto não consigo arranjar outros dados, analysa-

^{8/} Em vez de *vá-se?*

⁹ Aqui o sentido péde *antes* e não *antre*. *Antre* é o termo pop. correspondente a *entre*.

¹⁰ i. é: *panhá-la* (= apanhá-la).

¹¹ i. é: « e de uma choupana com as telhas ».

^{11/} O A. anonymo tinha na mente estes versos de Ovidio (*TRISTIVM, lib. v, eleg. 10*):

*Barbarus hic ego sum; quia non intelligor ulli,
 Et rident stolidi verba Latina Getae.*

Mas nem elle está no caso do poeta latino, nem no caso dos getas estão os povos da Beira, comquanto a respeito d'elles diga Faria y Sousa (*Epitome de las hist. port.*, t. II, p. 4, cap. 5, ed. 1673): « *lã lingua mal conocida* »; querendo com isto significar que os beirões fallavão muito differentemente da lingoagem litteraria.



rei, segundo o methodo do costume, as differentes fórmãs que apparecem no texto.

Além do merito philologico, os *Versos* do auctor anonymo tem o de representar um pequeno quadro da vida campestre, posto que grosseiramente esboçado.

A) Phonologia

1. No verso 6 lê-se *bella* (= vê-la), e no verso 39 *aboarey* (= a-voarei), o que nos mostra confusão entre o *v* e *b*, factõ vulgar na linguagem popular do Norte e centro do paiz. Noutros versos lê-se porém *vejo*, etc.

2. *pr* = *pl* em *repticou-me*, v. 9 (que tambem se encontra nos Dicc.), *expricar-se*, v. 22, e *exempro*, v. 54. Estes dois ultimos factos não os tenho encontrado em mais parte alguma; mas elles mostrão a tendencia da nossa lingua. No verso 42 lê-se *sembra*, fórma do verbo archaico *sembrar* = lat. *simulare*.

3. No v. 20 *trosse* mostra uma condensação de *ou* em *o*. A pronúncia vulgar da fórma litteraria *trouxe* é *trousse*. Cfr. *Dialectos beirões*, I, §. 2 e IV, §. 1. Noutras partes (v. 41, 49, etc.) não ha condensação.

4. No v. 3 lê-se *ay alma* e *ay ancia*; no v. 15 *day agoa*. O A. parece que tomou muito a peito assignalar este phenomeno da phonetica beirã, e, em geral, de todo o Norte de Portugal: que se desenvolve um *i*, quando, de um lado, está *a* tonico, ou *a* átono, ou *e* tonico, e do outro, *a* ou *e* ou *i* tonicos, combinações que represento nesta fórmula:

$$\left. \begin{array}{c} \bar{a} \\ \bar{e} \\ \bar{i} \end{array} \right\} + \left\{ \begin{array}{c} \bar{a} \\ \bar{e} \\ \bar{i} \end{array} \right.$$

D. Raphael Bluteau assignala-o já, mas incompletamente, nas suas *Prosas Portuguezas*, anno M.DCC.XXVIX, P. I, pag. 186.

É um dos varios meios de evitar os hiatos; d'elle me occuparei detidamente num proximo estudo.

5. Ha uma apherese em *panhalla* (= apanhá-la) no verso 41. Não conheço esta fórma noutra parte.

6. O v. 48 offerece *corregido*, dissimilação de *corrigido*. É a fórma vulgar no paiz todo.

7. No v. 42 lê-se *zumbara* (= zombara), segundo a phonetica de Entre-Douro-e-Minho.

B) Morphologia

8. ARTIGOS. No verso 12 lê-se *todas las*, com o artigo arch. *las*; também em mirandez, ao lado de outras fórmãs, se ouve, como já ouvi, *todos los*¹². O povo diz em muitos pontos do Norte *tó-dolos* (onde houve assimilação: *todolos* = *todollos* = *todos los*), como uma palavra só, com accento tónico no primeiro *o*, fórmula que se encontra nos AA. antigos, por ex. em Gil Vicente (*Obras*, III, 351, ed. de Hamburgo). Numa serra da Beira-Alta colhi ha annos uma canção popular em que o *lo* entrava de um modo independente¹³.

9. VERBOS. a) No verso 6 está *teve* (= *tive*), fórmula que hoje se encontra muito no povo em certos pontos.

b) No verso 7 está *dixe* (= *disse*, por palatisação do som *ss*), que se encontra noutros pontos da Beira, etc. Os dictionarios apóntão a fórmula *dixemedixeme* por *chocalhice*, etc.

c) No verso 16 está *senta* (= *sinta*). Em Gil Vicente (III, 92) lê-se também *sento* (= mod. *sinto*).

d) No verso 21 está *engannime*, i. é, *engani-me* (= *enganei-me*). O preterito *i* da primeira conjugação é característico do dialecto algarvio, mas encontra-se também no Alemtejo, na Extremadura (Cadaval), e, ao que se vê, na Beira-Baixa. A sua frequência deve diminuir de intensidade do S. para o N. — Cfr. o meu opusculo *O dialecto mirandez*, not. 1, pg. 7.

e) No verso 56 *rim-se* (= *riem-se*). Não conheço esta fórmula noutra parte.

f) Vid. §. 3.

10. PARTICULAS. a) No verso 30 *donde* (em vez de *onde*). Na Beira-Alta, etc. diz-se *adonde* neste sentido.

b) No verso 33 *em mentes* tem o sentido de *em quanto*. *Viterbo*, no *Dicc. portatil* das palavras antigas, traz *mente* e *mentes* com identica significação. Em Marvão (Alemtejo), como me diz o sr. Carrilho Videira, usa-se *em mentes*. Na linguagem vulgar *entremente*, *entrementes*, ou ainda *intramentes* (que muitas vezes tenho ouvido na Beira-Alta), significação o mesmo¹⁴.

d) No verso 51 a prepos. *com* está ligada com *um* (*c'um*), como se diz geralmente, pelo menos na Beira-Alta.

¹² Em castelhano *idem*.

¹³ Vid. as minhas *Trad. pop. de Portugal*, §. 337. Cfr. o meu opusculo *O dialecto mirandez*, not. 1.

¹⁴ Cfr. cast. *mientras*, ital. *mentre*.

e) No verso 9 *entonses*. Vid. *Glossario*.

f) No verso 7 *num*. Vid. *Glossario*.

g) A interjeição *hui!* do verso 25 é vulgar. Lat. *hui*.

h) O termo *arremicas* do verso 37 parece ter o valor de interjeição e relacionar-se acaso com *samicas*, que significa talvez, por ventura, etc. e que se encontra por ex. em Gil Vicente (*Obr.* III, 235); *samicas*, segundo Duarte Nunes de Leão, era já considerado no sec. XVI como vocabulo antigo da Beira. Não encontrei *arremicas* em parte alguma, nem em *Dicc.*, nem no povo, apesar das minhas pesquisas.

i) No v. 25 vem *maochas* que em port. arch. significava *em má hora*.

C) Syntaxe

11. No v. 17 vem o verbo *assomar* acompanhado do pronome reflexo. Os *dicc.* trazem effectivamente *assomar-se*, mas hoje ninguem escreve senão *assomar*. No Alemtejo diz-se *sóme* (= *assome*), como se vê de uma canção publicada nas minhas *Trad. pop. de Port.*, pg. 226.

12. No v. 17 lê-se *finje a ser* (por *finje ser*), como hoje se ouviu várias vezes ao povo, pelo menos no Norte.

13. Vid. no *Glossario* a palavra *mentes*.

D) Glossario

ABOAR, por *voar* (lat. *volare*). Em muitos pontos do paiz, pelo menos no N., diz-se *avoar* ou *aboar*.

ABONDAR, por *abundar* (lat. *abundare*). É a fôrma anterior de *bondar*, que se usa noutras partes da Beira, e, segundo me informa o sr. C. Videira, em Marvão. Cf.— *Dial. beirões*, I, pg. 14.

ADREGAR, por *calhar*, *acontecer*, *acertar*. Este termo é muito usual na provincia do Douro (ex.: *adréga de fazer isto*). Os *dicc.* offerecem tambem a fôrma *adregar*. A etym. é de certo o lat. **adregulare* (ad-regulare): **adreg'lar(e)* (cfr. arch. *seglar* = *sæcularis*), **adregar(e)* (cf. *regra* = **reg'la* = *regula*), *adregar* (por dissimilação. Esta porém podia dar-se logo em **adreg'lare*), **adregar*, *adregar*.

AGUÇAS. Viterbo, no *Dicc. portatil*, dá a *aguça* estes significados: *pressa*, *cuidado*, *diligencia*, *presteza*, *promptidão*, *fervor*, *actividade*. A etym. é *aguçar*, de **acutiare*. Sobre **acutiare* cf. um art. de G. Flechia in *Archivo glottol. ital.*, IV, 374.

ALEMBRAR, por *lembrar*, com a mesma prothese que *aboar*. Esta

prothese é vulgar em portuguez, já em verbos, como *apregãr apregador* (Pinhel, Mondim da Beira), já em substantivos, como *arrã* (= *rã*). A etym. de *lembrar* é o lat. *memorare*; em port. arch. ha *nembrar*.

AQUESTAR. Este verbo parece relacionar-se com o portuguez arch. *aquesta* que significa *acontecimento, caso*. Qual é a etym.?

ARREMICAS, vid. §. 10-h.

ASINHA, vid. §. 10-c.

CACHOPA, por *moça, rapariga*. É termo muito vulgar no paiz. Bluteau trá-lo tambem no *Vocabul. de palavras e modos de falar do Minho e Beira*.

CATAR, por *procurar* (lat. *captare*). Esté termo encontra-se em portuguez arch., mas hoje só se usa no sentido de *procurar pulgas* ou outros insectos do corpo (e ás vezes com sentido metaphorico), e se encontra nos compostos *catavento, catapereiro, catabego*. Tambem se diz *andar á cata* por *andar á procura*.

CORREGIR, por *corrigir* (lat. *corrigere*). Vid. §. 6.

ENTONCES, por *então*. *Entonces* é port. arch. (encontra-se por ex. nos *Colloquios* de Garcia d'Orta), analogo ao cast. *entonces*. Etym.: lat. *in tuncce*, com a paragoge do *s*, facto vulgar nos adverbios. — Em Marvão, diz-me o sr. Carrilho Videira, ha tambem *entonces*.

ESCANGALHADA. O verso 47 tem *de riso escangalhada*. Na Beira-Alta, etc., é vulgar dizer-se *escangalhado com riso*, no sentido de *perdido de riso, rindo-se muitissimo*. O verbo *escangalhar* deriva de *cangalho*, como por ex. *esmigalhar* de *migalha*.

ESQUENSAR, no verso 54. Ignoro o sentido verdadeiro. Será um ê-ro typographico por *esquentar*? Terá alguma relação com o port. arch. *esquença* ou *escançado*? A primeira hypothese é mais provavel.

EXEMPRO, por *exemplo*. Vid. §. 2.

EXPRICAR, por *explicar*. Vid. §. 2. — Depois d'isto impresso diz-me o sr. C. Videira que em Marvão (Alemtejo) existe esta fórma.

INERCO. Vid. pag. 3.

LAS, por *as* no composto *todas las*. Vid. §. 8.

LEIXAR, por *deixar* (lat. *laxare*: **lassar(e)*, **laxar(e)*, **laxar(e)*). Este verbo é archaico e encontra-se, por ex. em G. Vicente, *Ob.* III, 184 e 361. Ha ainda o composto *desleixar*.

LOBRIGAR, por *vêr a distancia, imperfeitamente*. É muito usado na Beira, etc. Do lat. *lubricare*.

MALGA, termo muito usado na Beira, onde, em alguns pontos (Mondim da Beira, S. Martinho de Mouros), dizem *malgra*.

MAOCHAS (pronuncia-se *maóchas*, segundo os dicc.). Vid. o §. 10-i.

MENTES, vid. o §. 10-b. No verso 34, onde esta particula se en-

contra, lê-se: « *em mentes que com diz* ». Como explicar o *com*? MAROFA, no verso 1. Que significa?

NUM, por *não*. É termo vulgar do N. e centro do paiz, mas só se encontra ligado a outra palavra, por ex. *num quero*. Do lat. *non*. O *on* fez-se *ũ* (*un*), porque *nō* (fôrma archaica) ligada a outra palavra torna-se proclítico e portanto átono; i. é, segundo a phonetica do Minho, *ō* átono dá *ũ*, ex. *cumbóio* (= comboio). Assim se pôde explicar tambem a fôrma *Dum F.* que Viterbo encontrou num doc. ant. da Beira. Cf. §. 7. — Este phenomeno creio porém ser esporadico na Beira.

PALRAR, por *fallar*, mas só em sentido de escarneo, etc. Do lat. *parabolare*, (cfr. fr. *parler*): **parolare*, *parolar* (que se usa), **parlar* (cfr. port. pop. *currnel* = coronel), e d'aqui *pàlrrar*, como por ex. *mélro* de *merrlo* (que tenho ouvido na Extremadura) = lat. *merulus*.

QUEDAR, por *ficar* (lat. *quietare*). Tem egual sentido em gallego, mirandez e castelhano.

REPRICAR, em vez de *replicar*. Vid. §. 2.

SAGE, em port. arch. *prudente*; tambem nos doc. ant. se encontra *sages*. Vid. *Études de grammairie portugaise* de J. Cornu, in *Romania*, XI, 81. — Em port. arch. ha o composto *sagesmente*, e os derivados *sageira* e *sageza* (Viterbo).

SANDIA (lêde: sandia) é o feminino de *sandeu*, como *judia* de *judew*. De *sandia* diz Viterbo: *desasisada, louca e sem juízo* (*Diction. portatil*, s. v.).

SAPATETAS. No *Vocabul. Port. e Lat.* de Raphael Bluteau lê-se: « *sapateta*, acção de sacudir com a mão o pé, ou dar com a palma da mão na sola do sapato, saltando ». No *Dicc. da Ling. Port.* de J. da Fonseca: « *sapateta*, sapata de talão; o som que se faz andando em chinellas ». Em todo o caso *sapateta* é um deminutivo de *sapata*.

SEMBRAR, por *parecer*. O verso é: *pois que zombára me sembra*, que se deve entender: « pois me parece (que) zombára ». *Sembrar*, que se encontra em portuguez arch., é o lat. *simulare*: **sim'lare*, **simblar*(e) (b epenthetico como em *nembrar*, etc.), **semblar* (cfr. *semblante*).

SENTA, fôrma do verbo *sentir*. Vid. §. 9-d.

SURRAR-se. Um individuo do Minho diz-me ter lá ouvido este verbo no sentido de *escapulir-se*. No *Dicc. contempor.* de Caldas Au-

¹⁵ *aginha*, *azinha* é a mesma palavra que o cast. *agina*, *aina*, a que F. Diez (*Gramm. des l. rom.*, II, 438) dá por etym. *agere*; admira pois que o Mestre, a respeito do port. *azinha*, pergunte: *qual a origem?* (*loc. cit.*).

lete dá-se a *surrar* o sentido de *desapparecer*, *ir-se*. Qualquer das accepções nos convém no caso presente.

TELHADOR, no v. 51. Os dicc. dão-lhe o sentido de *tampa* ou *têsto de vasilha de barro*, o que convém ao sentido. Do verbo *telhar*, deriv. de *telha* (= *tegula*, de *tegulum*).

TENÇOADO, por *intencionado*. É evidentemente um derivado de *tenção* na fôrma arch. *tençom*, de que ha o derivado ant. *tençoeiro*.

TRICANA. Segundo Bluteau (*Vocab. Port. e Lat.*) significava em Coimbra (que fica na antiga Beira) *mantêo de mulher*. Hoje significa, por uma metonymia, *rapariga*.

TRESVALLAR, no v. 43. Alguns individuos de Entre-Douro-e-Minho affirmão-me que conhecem este termo na accepção de *resvalar*, o que convém ao sentido. De *transvallem*. Cfr. *resvalar*. — Dize-me que em Marvão (Alemtejo) ha tambem *tresvallar*.

TROSSE, fôrma do verbo *trazer*. Vid. §. 3.

O texto é pequeno de mais para sobre elle se fazerem muitas considerações; no emtanto apresenta-nos, como já disse, varios termos curiosos, e, alem d'isso, phenomenos que, como a iotisação (§. 4), a condensação (§. 3), o preterito da 1.^a conj. em *i* (§. 9-d), me levão a considerar a lingoagem d'elle como uma transição dos dialectos beirenses para os do Sul. Á mesma conclusão cheguei a respeito da lingoagem de Monte-Novo (Cf. *Dial. beirões*, I, pg. 5 e IV, §§. 1 e 3).

Na lingoagem de Castello Rodrigo apparece mui pronunciada a feição archaica. Já Fernão de Oliveira, que era beirão, insiste sobre os archaismos da lingoagem da Beira, quando diz: « E tambem se este verbo *nego*¹⁶ servia em lugar de *côjũção* e valia antr'os velhos tâto como *senão*, e aind'agora assi val na Beyra » (*Gramm.*, 2.^a ed. 118); « ... se estas e quaesquer outras semelhantes [palavras antigas] as meteremos em maõ d'hu homẽ velho da Beyra, ou aldeão, naõ lhe parecãõ mal » (*Ib.*, pg. 81-82).

Mas esta feição archaica pertence á lingoagem popular de todo o paiz. Os dialectos portuguezes revelão hoje, talvez com o mesmo grau de intensidade, o archaismo e o neologismo, isto é, phenomenos estaticos e phenomenos dynamicos.

¹⁶ Os termos *nega* e *nego* (*senão*) achão-se explicados pelo profess. J. Cornu in *Romania*, XI, 89-90. Não são verbos, como diz Fernão de Oliveira, que se deixou levar pela apparencia, mas correspondem ao lat. *ne qua* (= *ni qua*).

III

UMA PARTICULARIDADE PHONETICA

é = á

Em Pena-Lobo, povo do concelho do Sabugal (Beira-Baixa), dá-se, segundo me informa o meu contemporaneo de Medicina, Antonio José Gomes, um curioso phenomeno de substituição do *a* accentuado por *é*. Ex.: *buréco* (= buráco), *aguilhéda* (= aguilhada).

Muito tempo depois de colher ésta informação, soube de pessoa fidedigna (e que me fallou neste phenomeno sem lhe eu perguntar por elle) que em Sernache do Bomjardim, concelho de Certã (Beira-Baixa), diz o povo: *giéda* (= geáda), *carréda* (= carráda), *madrughéste* (= madrugáste), *Sernéche* (= Sernáche), etc.

Com as duas notas indicadas concórdão as seguintes palavras que se lêem nas *Memorias da villa de Oleiros* pelo bispo de Angra, D. João Maria Pereira d'Amaral e Pimentel (Angra, 1881)¹: «Porque a villa d'Oleiros fica isolada no meio de altas montanhas, sem estradas commodas, meios faceis de communicação, nem comércio com outras terras, tem resultado d'ahi o conservar-se nella a pureza da lingua portugueza... Até a pronúncia é da melhor que tenho encontrado, sendo natural, sem affectação, nem os requiebros e entonações desagradaveis, que em outras terras se dão. Apenas a pronúncia de *a* agudo (á) é trocada algumas vezes pela gente sem instrucção pela de *e* (é), dizendo: *Felicidade* em lugar de *Felicidade*, *cidade* em lugar de *cidade*. E a gente nova da villa, notando-se-lhe este erro, começava em nosso tempo a cahir no opposto, dizendo: *Pulcharia* em *Pulcheria*, *tijala* em lugar de *tigela*, etc.» (*Ob. cit.*, cap. xvii, *Da linguagem*... pg. 168).

Eis ahi bem determinada em tres pontos da Beira-Baixa,

¹ Agradeço ao Rev. Sr. Antonio Caetano Vaz Pereira, digno vice-reitor do seminario de Sernache, o obsequio que me fez transcrevendo-me e enviando-me a passagem do livro do bispo de Angra.

aliás muito distantes geographicamente (Pena-Lobo, Sernache, Oleiros), a mudança de *d* em *é*.

Qual é a lei d'esta mudança?

A avaliar pelos factos expostos, e por outras informações que tomei, o *a* deve ser tonico, a palavra deve ter mais de duas syllabas, e a syllaba em que está o *a* deve ser a penultima.

Depois de escriptas estas notas, soube por um homem do povo que em Alpedrinha (concelho do Fundão, na Beira-Baixa) se diz: *bàtezédo* (= baptisado), *aguilhéda* (= aguilhada), etc.

Outro homem do povo affirmou-me que o mesmo phenomeno phonetico se observa em Padrões, no c. de Pampilhosa, districto de Coimbra.

O phenomeno estende-se pois numa boa zona da antiga provincia da Beira.

*

No seu opusculo *Una lettera glottologica*, Torin 1881, pg. 33 sg., tracta o sr. G. J. Ascoli da mudança do *a* tonico em *e*, phenomeno que, segundo elle, occorre « per una gran zona galloromana che va dall'Oceano all'Adriatico, e non . . . all'infuori di essa » (pg. 33), e a que elle attribue influencia celtica.

O sr. Hugo Schuchardt, dando na revista *Litteraturblatt für germanische und romanische Philologie*, 1883, nr. 3, pg. 111, uma noticia bibliographica do meu opusculo *O dialecto mirandez*, onde eu, em nota, assignalo o phenomeno phonetico de Pena-Lobo, exprime-se assim: « Danach würde sich der keltische Vorposten *é = d* (*buréco, aguilhéda*) sogar in Portugal finden ».

A explicação parece realmente difficil para o nosso caso. Sem me atrever a combater a opinião de dois sabios tão auctorisados em Glottologia, limito-me a transcrever estas palavras que o Sr. Gaston Paris, outro sabio muito auctorisado, publicou na *Romania*, XI, 133, a proposito do citado trabalho de Ascoli: « En français par exemple l'*a* tonique est devenu *é* au plus tôt au VIII^e siècle . . . ; après six ou sept siècles de parler latin comment expliquer sans mysticisme que l'influence du gaulois depuis longtemps oublié ait altéré l'*a* du français et du latin sans toucher à l'*a* provençal . . . A est devenu *é*, . . . pourquoi? on le devinera peut-être un jour, mais nous ne le savons pas ».

IV

LINGUAGEM POPULAR DA MATTA

Conversando ha um anno com um individuo da Matta (ao pé de Castello-Rodrigo, na Beira-Baixa), pude notar-lhe os seguintes phenomenos phoneticos e morphologicos:

A) Phonologia

1. CONDENSAÇÃO. Observa-se a condensação do dit. *ou* em *ó*: *lôreiro*, *rôpa*, *côve*, *lôvar*, *ôro*. Cf. *Dialectos beirões*, I, §. 2. — Tambem porém se diz *oiro*, mas parece que essa pronúncia não é tão vulgar como a primeira. Dá-se condensação de *eu* em *é*, o que se nota nos dialectos do Sul do Mondego, e, segundo me informão, noutros pontos da Beira-Baixa: *mé filho!* *êh!* *mé pae!* Diz-se porém *meu irmão*. Não tenho dados para formular regra, mas é provavel que, á maneira do que acontece no c. do Cadaval (Extremadura) com o ditongo *ei*, a condensação se dê só antes de consoante.

2. É aberto o *o* em *mólho* (= mólho), *ólho* (= ôlho), *óvo* (= ôvo), *nóvo* (= nôvo), *ósso* (= osso). Tenho observado este phenomeno em Taboço, e em varios pontos da fronteira transmontana.

3. *a*) Diz-se *nio* (= ninho, lat. *nidus*), como na Reigada (B. Baixa), Miranda do Douro e Cadaval. A fôrma *nio* é além d'isso archaica, e anterior a *ninho*. — *b*) Diz-se *tender* (lat. *tendere*) no sentido de *extender*, ex.: *tender roupa*. — *c*) Ha uma iotisação em *Micaiéla* (= Michaela), por causa do hiato, phenomeno vulgar na Beira. Cfr. *Dial. beirões*, II, §. 4.

Adeante indico outro phenomeno phonetico.

B) Morphologia

4. Já no §. 1 indiquei duas fôrmas do pronome possessivo, e a interjeição *êh!* que faz as vezes de *oh!*

5. VERBOS: *a*) O verbo *andar* conjuga-se assim no preterito do indicativo:

andéve	(por <i>andei</i>)
andivéste	(<i>andaste</i>)
andéve	(<i>andou</i>)
andivémos	(<i>andámos</i>)
andivéstes	(<i>andastes</i>)
andivérão	(<i>anddrão</i>).

Estas fórmãs explicão-se bem por analogia com as do verbo *estar*: *eu esteve* (pop.), *tu estiveste*, *elle esteve*, etc.

Em Marvão (Alemtejo), segundo me informa o meu amigo o sr. Carrilho Videira, e em Moncorvo e Freixo-de-Espada-à-Cinta (Tras-os-Montes) como tenho ouvido a muita gente, diz-se, como na Matta, *andeve*, *andivéste* etc.

Cfr. o castelhano *anduve*, *anduviste*, *anduvo*, *anduvimos*, *anduvisteis*, *anduvieron*, que se explicão por analogia com *estuve*, *estuviste*, etc., como F. Diez já suggeriu (*Gr. des l. rom.*, II, 162); cf. ainda o mir. *andubo* (vid. o meu opusc. *O Dialecto mirandez*, 1882, pg. 25), tambem explicavel pelo mir. *stubo* ¹.

b)	trágò eu	(= trago-o eu)
	digò eu	(= digo-o eu)
	fâçò eu	(= faço-o eu)
	lévò eu	(= levo-o eu) etc.

A proposito d'estas fórmãs, o meu informador contou-me que um sujeito disse a outro, numa conversa, a respeito de um cão d'este: *se tu perdoa-la morte, matò eu* (= se tu perdoas a morte, mato-o eu).

Como explicar o ò? Haverá acaso aqui um phenomeno analogo ao que hoje se dá na pronúncia de *todo o dia*, que no Sul é *todòdia* e em Fernão de Oliveira (*Gramm.*, 2.^a ed., pg. 42) é *todoudia*, — vindo então a ser a série: *mato-o*, **mdtou*, *mdtò*?

¹ Qual o motivo porque só *andar*, e não os outros verbos da 1.^a conj., sofrerão a influencia de *estar*? Talvez porque *andar*, como auxiliar, desempenha funções semelhantes a *estar*. Nós dizemos quasi indifferentemente: *tenho andado occupado todo o dia* ou *tenho estado occupado todo o dia*.

Bem que sei que os materiaes aqui expostos para o conhecimento das modificações experimentadas pelo latim popular ² nesta parte da Beira constituem uma contribuição muito pequena; mas, como diz o dictado, *vale mais pouco do que nada*.

Porto, Junho de 1884.

J. LEITE DE VASCONCELLOS*.

² A origem latina das chamadas *lingoas romanicas* é um *facto* que ninguém, scientificamente preparado, põe em dúvida. Causou-me pois grande surpresa um artigo em que o meu amigo Teixeira Bastos, a pag. 207-208 do vol. II da *Revista de estudos livres*, lhe chama *hypothese*, e a pertende refutar! Para demonstrar a filiação do portuguez e do hispanhol na lingua oriunda do Lacio, quasi só bastava recorrer á história. — T. Bastos, quando affirma que não era crível que os povos peninsulares abandonassem inteiramente as suas lingoas para adoptarem a latina, parece desconhecer que o basco, que ainda existe e tem na Hispanha pelo menos quatro dialectos, é uma lingua pre-romana. A existencia de dialectos romanicos tão variados na peninsula corresponde porém, até certo ponto, á independencia originaria d'esses povos: seria melhor que T. Bastos tivesse antes allegado esta prova. — A razão por que, como elle diz, os philologos compáram as fórmulas modernas com as fórmulas do latim antigo, é porque no latim popular existião archaismos (ex. *voster*, que deu *vostru*, *vuestro* e *vueso*, *vostre*, *votre*, *vosso*, etc.; *sam*, que deu o fr. *sa*, etc.), como acontece nos dialectos portuguezes actuaes. — Escreve T. Bastos: «Tudo nos leva a crer que as modernas lingoas peninsulares representão a transformação de duas lingoas falladas na Peninsula antes da invasão romana». Não conheço um unico dado em favor d'esta extraordinaria these. T. Bastos dá a entender que se funda nas theorias do sr. Theophilo Braga e nas *promessas* do sr. João Bonança; mas a ideia do sr. Bonança é insustentavel, ou antes, é uma phantasmagoria, e a do sr. Th. Braga não foi, creio eu, bem comprehendida por Teixeira Bastos, pois o que eu deduzo da exposição, um pouco confusa, é verdade, do sr. Th. Braga, a pag. 340-342 do vol. I da citada *Revista*, differe muito da conclusão que Teixeira Bastos mostra ter tirado. — Por fim T. Bastos compara um certo numero de palavras catalãs com outras portuguezas. Para qué? Algum romanista duvidará da communidade de origem d'estes dois dialectos novo-latinos? Além d'isso, para estabelecer um parallello entre duas lingoas, não é sufficiente aproximar ao acaso palavras analogas. Eu podia fazer aqui uma lista de vocabulos semelhantes, e comtudo pertencentes a lingoas muito diversas.

ROMANCISTAS NATURALISTAS

EÇA DE QUEIROZ

(Conclusão)

O *Primo Bazilio* não appareceu de surpresa. Era já esperado com o maximo interesse em razão de noticias muito antecipadas insertas nos jornaes.

Annunciava-se um romance de sensação; feriam-nos constantemente os ouvidos com esse martellar incessante sobre um factó real, escandaloso, em que havia o quer que fosse de perturbador e delirante, de incendiar os sentidos, mas que se occultava muito de proposito por umas phrases quasi sibyllinas com o fim de provocar a maior curiosidade; recordava-se com insistencia o nome do auctor como o brilhante estylista das *Farpas*, e a sua posição de consul talvez no persuadimento de que esta tambem poderia influir no successo do livro.

Assim o espirito dos que lêem estava de ante-mão preparado para saborear o fructo appetecido.

Elle appareceu na *vitrine* dos livreiros como um objecto tentador. A sua circulação foi rapida; leu-se d'um folego, electricisou. No Brazil soffrera numerosas contrafacções, e as damas occultavam-no entre o seio e o espartilho. Foi um acontecimento litterario e uma *réclame* entusiasta aos trabalhos anteriores do romancista que desde essa época ficou tambem comprehendido nas seguintes palavras de Montesquieu: «Primeiramente as obras dão reputação ao obreiro e em seguida o obreiro ás obras.» Nada mais verdadeiro. Tudo que d'alli em diante viesse firmado por Eça de Queiroz tinha os applausos da critica e do publico e uma procura immediata.

Mas o que revelava este romance que tanto entusiasmava e tantos applausos merecia? Que tinha elle de extraordinario a ponto de

vencer o indifferentismo geral pelas letras ? Respondam por nós os que o lêram enquanto o investigamos.

O Primo Bazilio é um episodio domestico com alguns traços vulgarissimos a par d'outros singulares ou imaginários. Mas o que ha de verdade e de falso indicaremos com toda a imparcialidade depois de havermos esboçado a acção.

Jorge e Luiza eram casados havia tres annos e adoravam-se. Elle era engenheiro de minas e foi obrigado a ir ao Alemtejo em serviço da sua profissão. Dois dias depois da sua partida entra-lhe em casa Bazilio de Brito, primo de sua mulher, e o romance começa prevenendo-se desde logo o seu entrecho constituido por diversos incidentes, em que sobressae a infidelidade conjugal de Luiza. Jorge sabe que foi trahido na sua ausencia por uma carta que recebera de França escripta por Bazilio a sua mulher. Esta estava então doente e o medico recommendára « um repouso absoluto » ; mas um dia, estando ainda convalescente, e interrogando o marido sobre a causa que o trazia tão mal humorado, este decidiu-se a mostrar-lhe a epistola fatal. Luiza cae outra vez doente e morre d'uma febre cerebral. Tudo isto se passou em poucos mezes.

Como se vê é a velha questão do adulterio que se expõe e da qual parece não quererem sahir todos os nossos romancistas românticos e naturalistas.

Eça de Queiroz dando-nos anticipadamente os retratos moraes de Jorge e Luiza, e divagando sobre episodios muito anteriores, manifesta a sua preocupação de escôla, o servilismo até, e portanto a falta de originalidade no plano da obra e na sua execução.

Além d'isso elle comprehendeu o naturalismo apenas como a exploração do asqueroso social ; a humanidade para o seu espirito assim como para muitos outros não tem ideal, vive só das sensações carnaes, revolve-se simplesmente no lôdo, nas podridões da materia. Toda ella é uma chaga gangrenosa manifestando a depravação moral ; não possui uma noção do bello, não tem um lado aproveitavel no sentido benefico e salutar. É um pessimismo como qualquer outro que poderá produzir uma esthetica admiravel, que arrebatará mesmo a uns mas não a todos porque não exprime a natureza inteira tal qual ella é e se manifesta. Este modo de vêr em arte não influe o homem a procurar melhor destino, e por isso não pôde de modo algum merecer os applausos geraes. D'esta falsa comprehensão da verdade nasceu o ultra-realismo ou o realismo depravado.

No desenho dos principaes caracteres do romance *O Primo Bazilio* nota-se esta tendencia, e mais ainda, que o artista não comprehendeu os admiraveis processos dos mestres do naturalismo. Tambem a sua curta divagação sobre os paes de Jorge, quando não

teve em mente como Zola em descrições identicas accentuar as particularidades hereditarias, accusa-nos uma imitação inconsciente.

A que vêem n' *O Primo Bazilio* os ascendentes do engenheiro de minas? Será um simples devaneio do romancista? É verdade que elles são apenas esboçados em dois traços, mas ainda assim Eça de Queiroz não pôde occultar a sua falta de originalidade nem o servilismo de escôla.

Se a obra iniciasse o complicado problema da hereditariedade, estes traços não podiam ser tão rapidos; pelo contrario, necessitariam d'um estudo muito demorado, paciente, que lhes dêsse toda a largueza possivel como verdadeiras notas physiologicas; não se percebendo, porém, esse fim, exhibil-os, embora com brevidade, é a prova manifesta de que o nosso escriptor quiz apenas imitar aquelle grande mestre do naturalismo em França sem comprehender o seu pensamento. Se Eça de Queiroz não fosse um indisciplinado, se possuísse uma cultura philosophica, o seu espirito naturalmente tomaria uma outra direcção em arte, dando-nos em vez de obras sem nenhum intuito outras completamente emancipadas, conscientes e originaes. Poderia tambem explorar quando mui bem lhe aprouvesse, a nota erotica, mas então com um fim qualquer de que se podessem tirar algumas conclusões.

Postas estas brevissimas considerações, passemos rapidamente a vista pelo heroe do romance.

Bazilio de Brito é um negociante de borracha no Brazil onde fôra procurar fortuna. Ora todos nós havemos tido occasião de observar o que é o individuo n'estas condições. O homem de trabalho que a necessidade obrigou a emigrar, não é um *dandy* com o botão de rosa na *boutonnière* do *frak*, não é decerto o conquistador audaz, o cynico, o corrompido que nós vêmos no decorrer da acção e principalmente depois da morte de Luiza. Poderá ser tudo este primo Bazilio menos o homem dado ás aventuras romanescas do mundo parisiense. Basta-nos olhar para Eça de Queiroz para vêrmos n'elle o heroe do seu romance. Retratando-se habilmente disfarçou-se em negociante de borracha do Pará, não pensando que falseava assim um personagem n'outras condições de vida e cujo meio o forçaria a uma acção bem diversa.

Bazilio apresenta-se-nos como um novo Faublas em perfeita contradicção com o seu meio, com as suas preoccupações laboriosas de commerciante. Pois o illustre romancista desconhecerá o typo do portuguez que enriquece no Brazil? Não nos parece, e todavia o seu personagem nem tem as honras de excepcional. Um homem de lucta não é um janota nem um seductor.

Evidenciada a falsidade do protagonista occupemo-nos d'algumas particularidades do romance.

O romancista ao mesmo tempo que pretende explicar a facilidade com que Luiza se entrega ao primo pelo seu temperamento amoroso e a sua exaltação romantica, não dispensa «o calor da hora, o crepusculo, uma *pontinha* de vinho talvez...» como se fosse uma d'essas mulheres que se conquistam depois d'um jantar ou d'uma cêa em *restaurant* barato. E como se tudo isto ainda não fosse sufficiente, recorda as antigas relações amorosas entre Bazilio e Luiza tendo ella 18 annos e elle 27. Para em tudo nos descrever o seu meio, o seu sentir e os seus habitos, Eça de Queiroz não dispensa a embriaguez da mulher de Jorge como uma das causas da sua queda!

Mas notamos tambem atravez d'estas incoherencias que, percebendo-se no romancista o intimo desejo de apressar a consummação do adulterio e de o facilitar, a sua phantasia capricha em fazer andar o heroe e a heroína do romance d'um para outro lado, exaltando-se, como a crearem appetite carnal, até que a *fatalidade* leva a fraca Luiza a ceder no commodo *divan*, esse movel tão sympathico e attrahente para ambos. Luiza em solteira havia passado bellos momentos ao lado de Bazilio n'um *sophá*; era pois forçoso que por uma recordação dulcissima ella preferisse, em casada, um movel identico para o esquecimento absoluto dos seus deveres de esposa!

E a mulher de Jorge entrega-se ao seu amante sem lucha moral nem um pouco de resistencia physica, balbuciando apenas umas palavras triviaes que não significam cousa alguma, ou para melhor dizer, que não exprimem a tortura, ainda que momentanea, da sua alma certamente em lucha com o dever n'aquelle instante supremo, a julgarmos pela sua indole, pelos seus sentimentos, pela sua educação. O seu estado psychologico é abafado pelo delirio dos sentidos.

Não revelará esta scena a incapacidade para a descripção, embora rapida, d'este estado?

A lucha moral que necessariamente tambem se deveria dar antes só se dá depois; mas ainda assim n'uma certa turbulencia de ideias a Messalina triumphal!

Houve precedentemente occasiões favoraveis para Luiza se entregar á lubricidade de Bazilio e este preparava-as com facilidade sem conseguir o seu fim porque ella resistia e chorava. Jorge era profundamente adorado por sua mulher, que «tinha uma curiosidade constante da sua pessoa e das suas cousas.» Ella «olhava muito para os maridos das outras, comparava, tinha orgulho n'elle.»

Assim, pois, vistas as contradicções em que o romancista cêe frequentemente, podemos tirar do seu romance a seguinte conclusão: Toda a mulher casada que tiver em sua casa um commodo *di-*

van, e que fôr visitada por um primo a certa hora, na ausencia do marido, ha-de por força ser adúltera.

Nada menos admissivel segundo o nosso modo de vêr. Assim, a familia estaria completamente prostituida, e todo o homem casado que se tivesse ausentado por um pouco do lar domestico teria a convicção intima de que era um desgraçado trahido por sua mulher. A que vem pois a nota do temperamento e romanticismo de Luiza, se o drama verdadeiramente se não deriva d'isso?

Mas continuemos a analyse para evidenciarmos o que ha de falso, contradictorio e incaracteristico.

Luiza é uma rapariga d'algum espirito e educação, e tendo recebido uma carta de Bazilio pedindo-lhe para ir ao *Paraiso*, « atirou ao ar uma moeda de cinco tostões » para vêr o que a sorte lhe dizia. Como « era cunho, devia ir. » Isto é simplesmente curioso, e o romancista dispensa-nos de considerações sobre o caso que provariam á evidencia o seu profundo desprezo pela verdade.

A scena entre o Castro, um libertino, e a mulher de Jorge, em casa da Leopoldina, uma prostituta clandestina, é de flagrante contradicção e faz-nos recordar essas paginas inverosimeis das comedias romanescas e extravagantes da bohemia litteraria.

Jorge excede toda a nossa expectativa quando sabe da sua deshonra. Elle é-nos descripto como uma constituição robusta, o que de certo o não inhibe de ser d'uma fraqueza moral tristemente ridicula; mas, os factos de ser heroico depois da leitura da carta que lhe revelava a infidelidade de sua mulher, interessando-se por esta como doente, atirando-se de joelhos, agarrando-lhe as mãos e soluçando; de, n'essa mesma noite, dormir profundamente; de se encher de coragem e resignação; de não querer ouvir depois as revelações de Luiza, jurando-lhe que a amava e que esqueceria tudo; de se refugiar na sala quando entrou o barbeiro para cortar o cabello d'aquella infame que lhe manchára o lar e lhe roubára a fidelidade, sendo elle tão meigo e bom para ella; de lhe pedir perdão e de se mostrar tão incoherente, sentimental e romanesco, a ponto de nos parecer d'um ridiculo estupendo quando ouve o « ruído secco e metallico das tesouras »; e, finalmente, para não cançarmos os que nos lêem, o lance ultra-romantico que se segue á morte de Luiza, abrindo Jorge os braços e cahindo no chão como os personagens theatraes, revelam-nos o que ha de mais extraordinario e inexplicavel no fundo da natureza humana.

A carta de Bazilio foi uma ideia extravagante mas obrigada para a revelação do adulterio de Luiza. Nenhum homem escreveria de longe a uma mulher casada que não queria comprometter, sem que tivesse certeza da ausencia do marido. Isto é simplesmente logico.

Juliana é uma personagem exagerada. Nenhuma mulher reúne tanta astúcia, rancor e perversidade calculada.

Sebastião, o íntimo amigo de Jorge, afigura-se-nos um typo excepcional.

O Ernestinho, o Julião, o Dr. Caminha, a Leopoldina, e ainda outros personagens secundários, é que nos parecem descriptos com verdade. Sobre todos o conselheiro Accacio é muito nosso conhecido. Julgamos o typo melhor desenhado e mais exacto do romance. Mas ha uma rasão para todos estes serem verdadeiros. Eça de Queiroz copiou-os do natural conhecendo-os perfeitamente.

Como fosse influenciado por Flaubert com a leitura da *Madame Bovary*, concebendo *O Primo Bazilio* sob essa agradável impressão, transportou para o nosso meio algumas das figuras que apparecem n'aquelle romance, como por exemplo Carlos e Emma que são Jorge e Luiza em esqueleto. Não tendo, pois, o romancista procurado entre nós typos identicos, não sendo estes seus personagens observados mas sim imitados, a falsidade d'elles não podia deixar de ser manifesta.

Investigado como se vê o romance, no intuito de descobrirmos a sua alta expressão artistica, a nota emocional e motivadora do seu enorme successo, só encontramos bem visivel essa depravação moral que se traduz na *sensação nova*.

O livro de Eça de Queiroz que se seguiu ao *Primo Bazilio* intitula-se *O Mandarim*. É um simples producto da phantasia e por isso o trabalho mais inferior do romancista. A nossa opinião, ainda não combatida, sobre este conto phantastico, foi exposta logo que elle viu a luz da publicidade.¹

A critica, pois, considerando Eça de Queiroz como discipulo de Flaubert e de Zola, esqueceu-se de acrescentar que ha bons e maus discipulos, isto é, discipulos que comprehendem os mestres e discipulos que os não comprehendem. O que é artista na fórmula pode mui bem não ser artista no drama. Mas não quer isto dizer que Eça deixe de ser tambem artista poderoso nos seus romances analysados. O que lhe falta todos nós sabemos: é uma disciplina philosophica que decerto evitaria a reprodução dos sentimentos romanescos e a sua preocupação unica, detestavel, em arte,— a do erotismo depravado que faz com que elle tantas vezes falte á verdade, ao que é natural — e logico, e despreze a missão social do escriptor. Para concluir diremos que quem comprehende como se viu a fórmula naturalista, não pôde ser considerado o mestre d'ella.

Lisboa 13 — 5 — 84.

REIS DAMASO.

Vid. *Vanguarda* n.º 25.

ORADORES SAGRADOS DO BRAZIL

POESIA RELIGIOSA E PATRIOTICA

(Continuação)

Não fundou escola, nem imprimiu uma direcção sua a alguma das espheras do pensamento nacional; mas foi um trabalhador activo, um propagandista a seu modo.

Como sermonista seu estylo era este: « Suas vistas, que eram tão curtas como seus pensamentos, já não se limitam ás praias do lago que o vira nascer; seu coração endurecido pela ignorancia de uma grosseira occupação, abrandá-se, abre-se a um attractivo mais nobre, muito mais sublime; seu espirito como que quebra as prisões que o ligaram á terra, como que se dilata para conseguir o alcance das grandes verdades que então se communicavam; elle sacode resolute o peso de seus erros aggravado consideravelmente pelo peso de seus annos; segue com seguro passo a Jesus Christo e desde então é um novo homem, é um apóstolo, é o príncipe dos apóstolos. » ¹ Isto refere-se a S. Pedro.

Na poesia o vôo não é tambem alevantado. O celebrado poemeto *Nicteroy* é uma mistura de ficções classicas e de cousas do Brazil, terrivel á leitura. Versos corpulentos e duros atordoam-nos desde o principio :

« Nos braços maternas, nascido apenas,
Jazia Nicteroy, saturnea prole,
Quando Minas, seu pae, gigante enorme,
Que ao céu com mão soberba arremessára
A flammigera Lemnos, arrancada

¹ Apud Ramiz Galvão, *O Pulpito no Brazil*, pag. 173.

Dos mares no furor de guerra impia,
 Tingiu de sangue as aguas, salpicando
 Do seu cerebro o Ossa, o Olympo e o Othrys,
 Ferido pelo ferro, com que Marte
 Vingou de Jove a injuria em morte acerba. »

N'este gosto, n'este abalroamento de prosa metrificada atira-se-nos o *Nicteroy* como um flagello. É um dos mais inspidos productos da lyra brasileira. Na satyra e no humorismo o padre poeta não era mais feliz; grosseiro e pouco espirituoso espraia-se nos *Garympeiros* por esta fôrma :

« Da noite o carro d'ebano passára
 Da terceira vigilia os fuscros marcos,
 E já quasi de todo se acabára
 Das entranhas a musica nos charcos,
 Quando immunda alimaria, a Capivara,
 Qu'impesta as ruas Lavradio e Arcos,
 Procura retouçar em cova quente,
 Sorvendo um bom copazio de aguardente.

Já na porca tarima resupino
 Rumina novos planos de trapaça ;
 O genio seu requinta-se ladino
 Aquecido em vapores de cachaça.
 A pouco e pouco o somno do malino
 As ideias lhe afraca, e lh'embaraça,
 Até que fatigado dorme e ronca,
 Como fera em caverna escura e bronca.

Então em triste sonho lhe apparece
 O *Xavier Ferreira* em carne e pélo,
 Cavalgando-lhe o peito, que esmorece,
 Á carga de medonho pezadêlo.
 Gritar não pôde, a lingua se entorpece,
 Convulso treme, eriça-se o cabelo ;
 E o velhote de capote e carapuça
 Indignado sobre elle se debruça.

De verde e grossa lã co'a luva esfrega
 As trombas d'este infame Porco-Espinho,
 E viscosos escarros lhe pespega
 Na testa, olhos, ventas e focinho ;
 Depois, sem o largar, á furia o entrega
 D'espectros, que correndo em murmurinho,
 Uns lhe dão chimbaláos e piparotes,
 No ventre saltam-lhe outros aos pinotes. » ¹

¹ Os *Garympeiros*, poema heroe-comico. Rio de Janeiro, Typ. de R. Ogier & C.^a — 1837, 8.º — Canto II, *in princ.*

Basta! O velho Januario era um Juvenal caturra; golpes d'estes pouco attingiriam a Bernardo de Vasconcellos, contra quem fôra escripto o poema.

Como biographo Barbosa era mais sensato; era simples e deixava-se lêr com agrado. Vejamos como elle, o liberal, o advogado da nossa emancipação politica, avista-se com o velho inconfidente — Claudio: « O seu estrô poetico, sem nunca esfriar em meio dos fastidiosos trabalhos da sua occupação principal, deixou-se vêr sempre sublime em muitas composições portuguezas, italianas e latinas, que ainda nos restam impressas ou manuscritas, para eternos monumentos da sua gloria litteraria. Claudio Manoel foi um philosopho de vastissima erudição, tanto na litteratura antiga, como na moderna. Encontraram-se em seus manuscriptos citações de Voltaire, Rousseau e outros auctores, apenas no Brazil conhecidos n'aquelle tempo pelos seus nomes e sempre perseguidos pelos que nem ao menos d'elles haviam lido uma só linha, tal era o prejuizo que então reinava! — Mas as suas sombras servem de realçar a gloria dos nossos litteratos, que ainda um injusto indifferentismo deixa sepultados em vergonhoso esquecimento. Claudio Manoel foi talvez o primeiro brasileiro, que em Minas leu e citou doutrinas de Adam Smith, bebidas na sua obra sobre a *Riquezas das Nações*, e esta circumstancia não é de pequena monta em época de tanta obscuridade e perigosa pela novidade dos conhecimentos que não se queriam propagados no Brazil. » ¹

Estas palavras, se honram aquelle a quem foram dirigidas, exaltam tambem o padre liberal e tolerante que as escreveu. É por seu patriotismo, seus serviços á independenciá, seu enthusiasmo pelos progressos intellectuaes do Brazil que Januario da Cunha Barbosa será sempre lembrado.

Não era só no Rio de Janeiro que os oradores do pulpito abundavam. No Recife havia igual effervescencia e, entre outros, o vi-gario Francisco Ferreira Barreto era apontado como verdadeira notabilidade. Na Bahia, ainda mais forte era o ruido em torno dos nomes de Frei Bernardino de Senna, Frei Antonio de Sampaio, e Frei Francisco Xavier de Santa Rita Bastos. — Sempre a Bahia ha sido uma ubertosa *pepinière* de padres e frades talentosos desde os tempos de Eusebio de Mattos até aos nossos, em que alli se dis-

¹ *Parnaso Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1831.

tinguiram Raymundo Novato, Itaparica, Arsenio da Natividade, Junqueira Freire, Frei Carneiro e muitos outros. Na época que nos occupa, Bernardino de Senna e Antonio de Sampaio tiveram mais fama do que merito real. O mesmo se não pôde dizer de

Santa Rita de Bastos. Especie de Bocage de burel, genio vivaz, turbulento e insaciavel, o frade bahiano atirou-se aos desregramentos de costumes, proprios de seu tempo em Portugal e Brazil. Foi um talento inutilizado pela crapula e libertinagem, envolto hoje n'uma camada de legendas picarescas.

Foi orador e poeta ao gosto da sua época: improvisador brilhantissimo. Restam-nos d'elle um ou dous sermões impressos e raras poesias denunciadoras de um talento possante. Foi talvez um homem desviado de suas inclinações naturaes, um condemnado do claustro, um suppliciado do meio em que vegetou. Este vigoroso soneto parece denunciar-lhe as dôres occultas:

« Si um homem houver, homem tão forte,
Que possa vér, em sua casa entrando,
Malfeitores crueis, assassinando
A cara filha, a candida consorte;

Si um tal homem houver, que sem transporte
Veja o céu rubros raios vomitando,
O mar pelos rochedos atrepando,
A terra inteira a bracejar com a morte;

Que appareça esse heroe, assim disposto,
Qu'eu quero-lhe mostrar por dentro o peito,
E quero lhe não mude a côr do rosto!

Ha de cahir em lagrimas desfeito,
Vendo o meu coração pelo desgosto
Em mil ruturas e pedaços feito...»

Quem isto escreveu era um poeta e bem merece um logar, que sempre lhe tem sido negado, em nossa historia litteraria. A biographia de Frei Bastos, que foi quasi uma notabilidade das ruas em seu tempo, nunca foi escripta, é hoje bastante obscura e anda envolta em narrações phantasticas. Não temos dados para desfazer as sombras e desenhar ao vivo o perfil do poeta e do orador. Só vimos d'elle um sermão impresso em Lisboa, e este é fraco. Das poesias só lemos o soneto que deixamos archivado. Bastos morreu em 1846.

No Recife em torno do nome do vigario

Francisco Ferreira Barreto girou até ha pouco a lenda de ter sido elle um gigante da palavra e um poeta maviosissimo. Era a voz da fama, firmada em narrativas oraes.

As producções do padre nunca tinham sido publicadas, e esta lacuna só foi preenchida muito tarde pelo commendador Antonio Joaquim de Mello, que em 1814 editou dous volumes de sermões e poesias do celebrado sacerdote. Foi uma prova terrivel por que passou a nomeada do encomiado orador. Viu-se bem claramente que Ferreira Barreto não era o prodigio de que tanto se orgulhavam os pernambucanos. Como individualidade politica é inferior a Caneca, e é excedido por Natividade Saldanha como poeta. Póde soffrer o paralelo com oradores rhetoricos e palavrosos do Rio de Janeiro; mas foi um espirito mediocre. Nascido em 1790, fez os seus estudos no Recife; indifferente ás agitações do seu tempo, não tomou parte nas revoluções de 17 e 24. Deputado á constituinte, não deu de si copia na assembléa. Reaccionario, foi partidario do grupo absolutista dos *Columns* e mais tarde dos *Caramurus*. Atacado por isso no tempo da Regencia, embarcou para Lisboa, onde fez versos encomiásticos a D. Miguel. De volta ao Brazil, conservou-se arredo da politica, sendo, porém, algumas vezes deputado á assembléa de Pernambuco. Falleceu em 1851. Era um pouco declamatorio no sermão; não tinha grandes recursos de fórma e o pensamento era pouco variado. Tinha a placidez innocente dos espiritos pacatos; foi sempre um classico emperrado em pleno movimento romantico. Tinha a immobilidade dos espiritos tenazes, sem as larguezas de uma vasta intuição.

Era um rhetorico seguro e convicto. Ouçamol-o n'um topico em que zurze Napoleão I, como era de bom estylo em todos os discursos dirigidos então e por nossos prégadores nos sermões dedicados ás pessoas da familia de nossos monarchas. Na oração funebre da primeira imperatriz do Brazil, disse o vigario Barreto:

« Appareceu n'estes dias um homem, que encheu o universo de terror e completou o catalogo dos crimes. Semelhante a Tiberio, igual a Caligula, novo Catilina, segundo Verres, temerario como Cesar e ambicioso como Galba, elle uniu as conquistas de Alexandre com todas as atrocidades de Nero. A natureza cançada de produzir tyrannos fez um intervallo de seculos entre o ultimo e elle. Mahometano no Egypto, catholico na Italia, schismatico na Russia, tolerante na França, teve todas as religiões; porque nunca teve alguma. Aventureiro e planista ao mesmo tempo, elevou-se desde a poeira de Ajaccio até o throno de São Luiz. Soldado e depois general, consul e logo soberano, elle nutriu a chi-

mera de chegar um dia ao imperio universal. Sua politica tenebrosa dictou um codigo de sangue e legislou para todas as nações. A morte, obediente á sua voz, marchou debaixo de suas bandeiras, desde o Nilo até o Danubio, desde o Cume dos Alpes até aos campos de Arapiles. Rompeu todas as convenções, aniquilou todos os tratados, subverteu todos os costumes, destruiu todas as leis, escravizou todos os povos, abalou todos os thronos, espalhou o sangue em borbotões, prostituiu a virtude, depoz os reis, e a terra emmudeceu diante d'elle. Escravo da gloria, e mais escravo das paixões, cruel, violento, perjuro, assassino, vingativo, soberbo, elle se dizia philosopho e até se chamou omnipotente. Poucos terão tantos crimes, nenhum teve ainda tanto orgulho! »

Eis aqui o quadro sombrio e apolalyptico que fez o padre Barreto do primeiro Bonaparte. Não seremos nós que o defenderemos contra o entusiasta de D. Miguel...

Mas tudo aquillo perde o seu effeito diante da conclusão do sermonista; tudo aquillo era uma cousa providencial:

« Napoleão, senhores, este monstro foi o instrumento fatal da colera do Eterno. As nações no meio de uma alluvião de flagellos pagaram uma alluvião de crimes; e os soberanos penetrados de susto conheceram que um braço invisivel pesava sobre elles, que os fulminava e que os punia. »

Logo então o homem fica justificado. É esta a logica dos sermones.

Na poesia o vigario Barreto era um classico sem vãos e ardidézas de pensamento. Produziu alguns sonetos e hymnos religiosos, além de outras pequenas composições.

É de uma leitura fatigante e pouco compensadora. É inutil fazer citações e tentar analyses; é um poeta de ordem terciaria, sem vigor e sem delicadezas de sentimento.

Só uma vez produziu umas notas suaves e lyricas: — foi na glosa á celebre quadrinha de Pedra-Branca:

« Vem cá, minha companheira,
Vem, triste e mimosa flor!
Se tens da saudade o nome,
Da saudade eu tenho a dor. »

A glosa foi feita em Lisboa quando o poeta emigrára para o reino; é a seguinte:

« Saudade, a celeste mão
Que de roxo te vestiu,
De luto agora cobriu
O meu triste coração;

Tu és copia da afflicção,
 Eu a imagem verdadeira :
 Socia de amor, vem ligeira ;
 Nós somos fleis transumptos. ...
 Saudade, acabemos juntos ;
 Vem cá, minha companheira !

« Na patria vivi contente,
 Como tu no ramo bronco ;
 Como tu fóra do tronco,
 Murecho, emfim, da patria ausente ;
 Eu te imito de presente,
 No mal, na angustia, na côr :
 Tu que exprimes minha dôr,
 Tu que do ramo cahiste,
 Vem ornar um peito triste,
 Vem, triste e mimosa flôr !

« O bafejo da agonia
 Envenenou-te a existencia ;
 Explicas a dôr d'ausencia
 Na côr funesta e sombria ;
 Negro horror, melancholia,
 Te cerca, te apraz, te some :
 És o mal que me consome !
 Se tu pintas o delirio !
 Se tens a côr do martyrio !
 Se tens da saudade o nome !

« Mas quanto distamos, quanto,
 Linda flôr, ó flôr mimosa !
 Tu finges magua extremosa,
 Eu de magua a voz levanto ;
 Tu arremedas o pranto,
 Eu choro e gemó de horror :
 Tu pintas o que é languor,
 Mas eu sinto a realidade !
 Tu dizes o que é saudade,
 Da saudade eu tenho a dôr. . . » ¹

O vigario Barreto não tinha a alma ardente de Frei Caneca; era, porém, um caracter seguro, um homem honradissimo, um sacerdote de peregrinas virtudes; não era um poeta de grande vôo; era capaz, entretanto, de tirar de sua lyra vozes suaves e ternas nos seus momentos felizes, quando estava realmente possuido do assumpto.

Acabemos esta galeria de oradores, fazendo surgir a figura do mais celebre de todos :

¹ *Obras Religiosas e Profanas* do vigario Francisco Ferreira Barreto; 2.º vol., pag. 139.

Frei Francisco de Mont'Alverne. — Era um homem alto, de frente espaçosa, de vulto athletico, de voz forte e sonora: tinha grande imaginação, cuja força estava mais no poder de enroupar bem os pensamentos do que em produzil-os amplos e fecundos. Nascido nos fins do seculo passado (1784), educado pelo velho methodo dos humanistas do Rio de Janeiro, esteve, contudo, acima de seus conterraneos pelo brilho da dicção. Sua linguagem não tem o falso sainete do lusismo classico; é *abrazileirada* e incorrecta a nosso modo. Castilho achou-a defeituosa pelas mesmas razões por que devemos elogial-a.

O illustre frade era em extremo orgulhoso. Não o escondeu em seus escriptos e a tradição o mostra ainda hoje.

Suppunha-se um grande orador e um philosopho profundo; n'este ultimo ponto enganava-se ingenuamente. Attribuia á força do pensamento o que não passava do brilho da imaginação. O documento que nos deixa de sua capacidade philosophica é simplesmente lastimavel. Não é necessario proval-o ainda uma vez.¹

Como prégador teve merecimento; não todo aquelle que os nossos *chauvinistas* propalam inconvenientemente, mas de todos os nossos sermonistas é o unico que pôde ainda hoje ser lido sem enfado. Certo brilho de fórma, o talento objectivista de traçar quadros, a cadencia dos periodos o fazem apparecer isolado no meio dos seus congeneres. Foi o ultimo e o maior d'elles. Professou em 1802; exerceu varios cargos de sua ordem; atirou-se á eloquencia em 1816; cegou aos cincoenta e dous annos em 1836. Passou dezoito annos recolhido ao silencio e aos setenta (1854) subiu de novo ao pulpito a rogos do actual imperante.

O frade orador era um perfeito artista dramatico, e n'essa resurreição oratoria esteve insigne, dizem, no manejo de seus recursos. Conta-se que o nosso actor, o celebre João Caetano, ia sempre ouvir-o para aprender a declamar. São accordes em dizer os que o conheceram que se não pôde fazer idéa do que elle foi só pela leitura dos sermões.

Era preciso apreciar, ouvindo-o, aquelle actor do pulpito. Em todo o caso, o que deve ficar assentado é que este velho, que aos setenta annos produziu talvez o melhor de seus discursos, esse homem que surgia de repente no meio de uma geração que o desconhecia, era o representante de toda uma classe de espiritos que com elle desapareceu. Era a velha cultura, a velha intuição monastica que produzia no Brazil o seu ultimo hymno.

Nada ha a aprender nos quatro volumes dos discursos de Mon-

¹ Vid. *A Philosophia no Brazil*, pelo auctor. Porto Alegre, 1878.

t'Alverne, como nada ha a aproveitar no seu livro de philosophia. Quasi ninguem hoje os lê; o frade orador não abriu novos horizontes ao pensamento nacional; é uma figura de decoração, um illustre exemplo do talento improductivo.

Teve merito como artista da palavra; mas não teve genio; não personalizou uma tendencia humana, ou sequer uma necessidade nacional. « Le génie — disse um outro artista, o grande Gounod — le génie, c'est toujours la *personnalité* sans doute; *mais s'oubliant elle même* et s'élevant ainsi jusqu'à l'expression de l'Humanité toute entière, c'est-à-dire jusqu'à la plus haute *impersonnalité*. »

Não devemos applicar esta bitola a Mont'Alverne; mas não é certo que elle não se elevou ao esquecimento de si mesmo? não é certo que elle não symbolisa uma tendencia, não diremos humana, mas apenas brasileira?

Mont'Alverne teve a mediocridade, a molestia chronica de todo o sermonista, de todo o glosador de velhos themas convencionaes e gastos: — a religião pelo seu lado exterior.

Elle se tinha em mui grande conta e não o escondia: « O paiz tem altamente declarado que eu fui uma d'estas glorias de que elle ainda hoje se ufana. Lançado na grande carreira da eloquencia em 1816 como prégador regio, oito annos depois que n'ella entraram S. Carlos e Sampaio, monsenhor Netto e o conego Januario da Cunha Barbosa, tive de lutar com esses gigantes da oratoria, que tantos louros tinham ganhado, e que forcejavam por levar de vencida todos os seus dignos rivaes. O paiz sabe quaes foram os meus successos n'este combate desigual; elle apreciou meus esforços e designou o lugar a que eu tinha direito entre os meus contemporaneos, e pertence á posteridade sancconar este juizo. Arrastado por a energia do meu caracter, desejando cingir todas as corôas, abandonei-me com igual ardor á eloquencia, á philosophia, á theologia, cujas cadeiras professei, algumas vézes simultaneamente, nos principaes conventos da minha ordem e no seminario de S. José n'esta côrte. »

Estas palavras são a manifestação de uma molestia querida aos romanticos: a vaidade. Chateaubriand, Byron, Victor Hugo, Lamartine, Garrett e Herculano, entre outros, a possuiram em estado agudo.

Entre nós é de vulgar noticia o orgulho feminil de Varnhagen, Porto-Alegre, Magalhães e outros corypheus romanticos. Mont'Alverne foi atacado da epidemia reinante.¹

Entretanto, apesar de lhe ser irrecusavel um certo merecimento

¹ Leia-se o prefacio de suas *Obras Oratorias*. Rio de Janeiro, 1852.

como sermonista, elle continúa a descer no conceito publico. Qual a razão? É que o frade orador só produziu *phrases* e a humanidade não se dirige com palavriados. — Precisamos de idéas, de verdades, de vistas novas, e o orador não as tinha.

A medida que elle desce, outros contemporaneos seus sobem, como Hyppolito da Costa Azeredo Coutinho e alguns mais. Mont'Alverne não era um pensador, não era um espirito representativo de seu tempo.

Quando dizemos que elle possuia imaginação e brilho na fórma, consignamos um juizo todo relativo e que deve ser entendido habilmente. Não estamos diante de um orador de primeira grandeza, mesmo na ordem religiosa, como São Paulo, Luthero ou Bossuet; estamos em face de um vulto secundario, um rhetorico de algum talento e nada mais.

(Continúa.)

SYLVIO ROMÉRO.

ENSAIOS DE ECONOMIA POLITICA

A sciencia chegou á conclusão, opposta á de todas as religiões, de que tudo o que nos cerca não foi por nós creado, mas bem pelo contrario, nós não somos senão o producto ultimo d'esta contínua e grande transformação, e como producto ultimo, quando apparecêmos, encontrámos tudo isso que nos cerca e que chamamos o meio, mais ou menos preparado, para que podessemos viver. De outro modo como poderia um sér, que come, bebe, respira, e se protege contra o frio, conservar-se onde não existissem os alimentos, a agua, o ár, a lã, o linho?

É a este ár, a esta agua, aos alimentos animaes e vegetaes, ao calor, á luz, á electricidade, ao vapor, emfim a tudo o que conhecemos no seu aspecto statico ou dynamico, que chamamos — *agentes naturaes*, os quaes fornecidos pela natureza são-nos completamente gratuitos. E dizemos sob o aspecto statico ou dynamico porque os economistas sempre promptos a conhecerem as forças como gratuitas, dão-lhes valor quando equilibradas, isto é, á materia porque esta se lhes apresenta limitada; limitada não só por apresentar os limites no espaço, mas na quantidade existente, e que materia transformada para os nossos usos é materia destruida. Assim o calor é um agente gratuito, mas o carvão de pedra que n'elle se resolve, é oneroso, porque é limitado na quantidade; a elasticidade da madeira é um agente gratuito, mas a madeira não o é,

porque se apresenta limitada na quantidade. Porém o moinho, que reduz o trigo a farinha, é uma machina construida com equilíbrios de natureza diversa e está desprendendo forças. Este desprendimento provém da acção do vento, que incide nas velas, acção ainda originada pelas differenças na intensidade de um agente mais geral, o calor, produzindo o desequilibrio das camadas atmosphericas; isto é, passa-se no moinho, ou nos materiaes que o compõem, o principio geral de que «todo o aggregado, em qualquer tempo ganha e perde ao mesmo tempo movimento.»¹ Mas este movimento não é perdido, porque é logo absorvido pelo trigo que passa a farinha, e é tão gratuito como o vento ou o calor, agente ou factor primeiro d'este desprendimento.

D'este modo todas as energias são gratuitas; não fazemos mais do que absorvel-as para tornal-as a redistribuir, e esta redistribuição é provocada, e por aqui conhecemos, que não foi para nós que se fez o universo, pela incidencia das energicas forças do meio contra as quaes reagimos. Esta reacção podemol-a separar em duas categorias. Pela primeira, reagimos contra essas forças incidentes pela nossa natureza organica ou vegetativa, d'onde resulta apresentarmos um complexo de funcções ou trabalho organico; taes são as funcções respiratoria, circulatoria, digestiva, etc. Pela segunda, reagimos contra essas forças, pela nossa natureza mais elevada — animal, apresentando uma certa ordem de funcções chamadas de relação. Consistem ellas no nosso trabalho muscular e nervoso e com o o qual nos apoderamos das energias cosmicas, biologicas e sociaes.

É d'este trabalho que a Economia politica estuda as leis, como a Biologia estuda as do trabalho organico. É este trabalho gasto a absorver, ou a reagir contra aquellas energias ou agentes naturaes, que lhes dá o *valor*.

Estes agentes, forças ou equilíbrios são-nos primitivamente *uteis*; ou melhor diremos, satisfazem-nos as differentes necessidades sob o imperio das quaes é que n'elles encontramos o que se chama *utilidade*. Assim esta é gratuita; está, como diz Carey, latente nas cousas e é no acto de nos servirmos, que essas cousas se tornam onerosas. O mesmo ár, que tão necessario nos é e que parece utilisarmos sem difficuldade, custa-nos o trabalho organico da respiração.

Não creando materia, não lhe creamos as propriedades que a tornam *util*, apenas lh'as descobrimos, aproveitando-as, fazendo-as

¹ H. Spencer, *Prémiers Principes*, pag. 256.

servir para os nossos usos. As pedras, por exemplo, pela propriedade de serem duras, levam-nos a achar-lhes a utilidade para o fabrico de mós, cantarias, etc. Esta utilidade pôde variar: Pôde ser mais ou menos ampla conforme as necessidades que satisfaz, porque estas, como sabemos, também variam.

Assim, por exemplo, as necessidades mais imperiosas são as organicas, de nutrição, etc., de modo que as cousas que mais propriedades têm para nol-as satisfazer, são as de maior utilidade ou aquellas onde esta primeiro se descobre e augmenta. O trigo e outros vegetaes, arroz, etc., — e os animaes comestiveis têm uma grande utilidade. Esta pôde ainda ser maior, ampliar-se no mesmo objecto, de modo a fazer com que esse objecto nos satisfaça um grande numero de necessidades. O trigo satisfaz-nos em geral a necessidade da alimentação, mas reduzido a farinha, amassado e cozido em pão sacia-nos uma necessidade, senão primitiva, pelo menos alcançada com a civilização — o paladar, ou ainda a fraqueza do nosso estomago. Hoje seria difficil a um homem alimentar-se do grão em crú, como qualquer gallinaceo. É ainda por estas e outras razões, que empregamos a farinha no fabrico de bolachas, massas, etc., que veem satisfazer necessidades mais ou menos diferentes e imperiosas. O que dizemos para o trigo, pôde applicar-se a outro qualquer agente, e ao ferro, ao cobre, ao proprio ouro. Este metal além de preencher a necessidade da troca, pelo fabrico da moeda, tem as suas propriedades utilizadas nos productos que se deseja durementem muito, nos productos para ornamentação.

A extensão de utilidade nas cousas pôde ser de natureza a satisfazer um numero cada vez maior de individuos. Assim o trigo, o milho, o arroz chegam a mais individuos, do que o linho, a sêda, a prata, o ouro, as perolas.

Em geral a utilidade de uma cousa varia com o seu apparecimento n'outras, porque a descoberta d'essa utilidade n'umas, auxilia-nos a descobri-la ou a aproveitá-la melhor n'outra. Quando por exemplo ao machado de pedra se substituiu o de ferro, este auxiliou-nos no melhor emprego das propriedades da madeira e na sua mais facil aquisição; — e a madeira empregada nas construcções ampliou-lhe a utilidade, não só para satisfazer maior numero de individuos, mas para nos satisfazer outras necessidades além do abrigo.

Finalmente, quando muitos e diversos objectos satisfazem a mesma necessidade, a sua utilidade é pequena, por isso que são facilmente substituidos.

É isto um caracteristico de atrazo nas sociedades, como o podemos observar no homem primitivo, a quem um qualquer agente natural serve para ser empregado n'uma mesma operação.

Podemos também observar esta verdade no individuo, que se

serve de muitos objectos para fazer a mesma cousa. Querendo por exemplo alisar um pão servimo-nos de um canivete, de uma faca, de um vidro, para o que, o carpinteiro tem um instrumento especial — a plaina.

A especialidade das funcções, feitas com instrumentos apropriados a cada uma é um caracteristico da civilisação. O valor, disse-mos, dá-o ás cousas o trabalho e trabalho das nossas funcções de relação. É o que cada um póde observar; o ar que respiramos, a luz que de manhã nos alumia, o calor do sol, não nos custa aquelle trabalho, recebemol-os e transformamol-os no sangue ou na retina por intimas funcções vegetativas. Economicamente, estes agentes são gratuitos. A luz do gaz ou petroleo que empregamos de noite, a penna com que escrevemos, a tinta, o tinteiro, o papel, a mesa, têm a utilidade e a gratuidade de agentes naturaes, mas além d'isso a sua transformação e apropriação a dados usos custou-nos um certo grão d'aquelle trabalho da vida animal. O moinho tem valor não por ser a somma dos agentes naturaes, mas porque estes agentes foram pelo nosso trabalho apropriados, utilizados e dispostos de tal modo, que na sua passagem de materia a movimento fossem utilizados para os nossos fins.

Mas este trabalho tem o seu progresso, é mais ou menos perfeito, produz maior ou menor numero de transformações. O homem primitivo, que primeiramente se servia para procurar o necessario unica e simplesmente dos seus braços, aproveita um tronco e desde então deixa de lutar com os animaes braço a braço. Depois aproveita a elasticidade da madeira, talha o silex, fabrica o arco e as frechas, evitando d'este modo a carreira para caçar esses animaes. Mais tarde com o seu machado de pedra utiliza os troncos, e com as pelles dos animaes e folhagens arranja uma choupana onde se recolhe e onde já póde guardar algum fructo do seu trabalho, algum alimento para o dia seguinte.

Por aqui se vê, que o seu trabalho é cada vez menor e melhor, porque a utilização dos agentes naturaes gratuitos o ajudam e, por assim dizer, trabalham por elle; cada novo agente associado ao seu trabalho facilita a aquisição de poderes novos e mais efficazes. Cada nova machina, attendendo ao seu poder relativo, são mais barata do que a precedente, porque resulta de uma maior utilização dos agentes naturaes e porque a fibra muscular do homem não se consumiu tanto.

E esta economia nos musculos redundu em favor do cerebro. O homem tem assim mais descanço e mais tempo para estudar e trabalhar, para descobrir novas forças que lhe augmentam o bem-estar. Como só empregamos o trabalho no que nos é util, podemos concluir, que tudo o que é util tem valor.

A differente utilidade das cousas influe tambem no seu valor. Ha uma intima harmonia entre nós e o meio. Se não é creado para nós, nós desenvolvemo-nos com a direcção que elle nos offerece, e quando chegamos, entramos no meio de toda a nossa animalidade, herdado de toda a escala animal, com uma certa direcção no sentido da menor resistencia, de modo que o que nos é mais preciso ahi existe com maior facilidade de ser aproveitado. D'esta relação resulta, que é n'essas cousas que mais necessarias nos são e que menos resistencia nos offerecem, que empregamos primeiro o nosso trabalho, e é onde por consequencia esse trabalho vae sendo mais perfeito, produzindo mais e melhor, d'onde resulta os seus productos diminuir de valor, é claro, por cada um consummir cada vez menos trabalho. Pela inversa podemos concluir, que o que maior resistencia nos offerece e o que satisfaz necessidades mais elevadas, isto é, alcançadas ou desenvolvidas no curso da civilisação, é onde o trabalho está mais atrazado, onde produz menos e os objectos têm muito valor.

(Continúa).

J. EDUARDO GOMES.

A EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA DE LISBOA EM 1884

III

É mais difficil do que parece á primeira vista, fazer-se um estudo proveitoso ácerca da exposição, porque limitarmo-nos pura e simplesmente á enumeração e descripção dos objectos expostos, é quanto a mim, um trabalho bastante inutil; e entretanto pouco mais do que isto poderá fazer, principalmente quem não fizer parte de qualquer dos jurys. Se para emittirmos a nossa opinião ácerca das qualidades ou defeitos de alguns productos, nos bastará vê-los, não succede o mesmo com outros, cuja analyse teria de ser mais profunda e demorada.

Para que um estudo d'este genero tenha verdadeira utilidade, será necessario para cada producto conhecer todas as condições geologicas, meteorologicas, agricolas e economicas em que elle é produzido, e para isto, que é nada menos que o estudo da economia agricola do paiz inteiro, não é sufficiente uma exposição, por mais bem organizada que seja, quanto mais esta, de que nos occupamos, a tantos respeitois deficiente. A falta de estatisticas e outros trabalhos d'este genero, bem elaborados, bastante sensivel entre nós, impede completamente a realisação d'esses estudos. O pouco que existe, ou está antiquado, e portanto, pouco verdadeiro, ou se encontra nos archivos das secretarias respectivas, d'onde sahirá para ser *vendido a peso*.

Assim, por exemplo, se não tivéssemos o *Recenseamento geral dos gados de 1870*, comquanto já antigo, e os trabalhos do lente de zootechnia do Instituto agricola, o snr. Silvestre Bernardo Lima, homem de profundo saber na especialidade, — não seria decerto pelos resultados da exposição, que nós poderíamos fazer uma idéa sequer aproximada da importancia da nossa producção pecuaria.

As duas exposições de gados, que tiveram logar na Tapada da Ajuda, estiveram muito abaixo do que se deveria esperar, mesmo a segunda, apesar de todos os elogios com que foi sobrecarregada.

Por aquelles trabalhos, a que me referi, que não pelas exposições sabemos que a exploração do gado é uma das nossas mais florescentes industrias agricolas, e que de anno para anno augmenta progressivamente de importancia.

Hoje que a phylloxera, atacando os nossos vinhedos, nos ameaça com a perda enorme dos rendimentos, que a viticultura nos offerecia, é preciso que os nossos agricultores, sem deixarem de combater directamente o mal, vão comtudo, pensando em crear, ou desenvolver uma nova industria, que substitua a primeira, na maior escala possivel.

Está o nosso paiz fóra da região climaterica das pastagens, mas não é este facto sufficiente para abandonarmos uma empreza que tão promettedora se nos apresenta.

Em quasi toda a Europa se está sentindo esta nova corrente de idéas, que faz tender o agricultor para a exploração do gado, em vista da concorrência feita ao mercado europeu pela invasão dos cereaes americanos, em condições taes de barateza que toda a lucta é impossivel.

Os paizes do novo mundo com as suas largas extensões de terreno baratissimo, não necessitando do emprego dos estrumes pela sua immensa fertilidade, podendo conseguir na mais vasta escala todas as vantagens resultantes do emprego da lavoura a vapor, constituem um adversario bastante temivel ao cultivador europeu collocado nas condições diametralmente oppostas.

É possivel, provável mesmo, que este estado de coisas tenha um termo, e que não se restituindo á terra os principios que ella perde na producção d'estas colheitas repetidas, acabe afinal por esgotar-se, ficando assim a America em tudo igual ao velho mundo. Entre esse momento, porém, e nós medeiam ainda seculos, porventura; por isso o unico remedio que vejo para combater o mal, é procurar por qualquer fórma illudir a concorrência, na impossibilidade de a combatermos de frente.

É d'esta necessidade que os lavradores portuguezes se devem ir convencendo, e de facto já entre nós se notam bastantes esforços n'este sentido. O progressivo augmento da procura de bois para exportação, está-lhes apontando o caminho que devem seguir, mas para attingir o grau conveniente de desenvolvimento é preciso augmentar consideravelmente a cultura dos prados e pastagens.

Não digo que substituamos completamente a cultura cerealifera pela praticultura, mesmo porque as condições de clima e a falta de humidade atmospherica e d'aguas para as regas, nos impede em

grande parte essa transformação, mas é perfeitamente fóra de duvida que a área occupada pelas nossas culturas forraginosas é susceptivel de larga dilatação, principalmente ao norte do paiz, nas provincias de Traz-os-Montes e as duas Beiras, que constituem a região montanhosa do paiz, e onde a abundancia d'aguas, a humidade e frescura da atmospheria favorecem em extremo a vegetação herbacea.

No nosso paiz os prados permanentes em que figuram os lameiros das provincias do norte, os almargeaes do Alemtejo, os sa-paes e as lezirias occupam uma superficie de 30:000 hectares. As pastagens, comprehendendo todos os terrenos de pousio, e os de pastagem natural, abundantes sobretudo na Beira e no Alemtejo, abrangem uma superficie de 2.116:000 hectares. Todos estes prados têm um valor aproximado de 120 mil contos de reis. Não se póde ter como pouco importante uma cultura, que apesar de pouco cuidada, como são em geral todas as nossas, tem ainda assim tão grande valor.

O gado vaccum está hoje entre nós tomando uma grande importancia, pela larga exportação, que as provincias do norte fazem d'elle para Inglaterra.

A exposição dos gados, comquanto deficiente, mostra, comtudo, notaveis aperfeiçoamentos no nosso gado vaccum, incitados sem duvida pelos lucros da exportação. É para desejar que a mania official dos cruzamentos com raças estrangeiras, não venha destruir as nossas bellas raças bovinas tão aptas para o trabalho e para a engorda. A selecção e o augmento dos recursos forraginosos são os unicos meios que racionalmente se devem empregar no melhoramento das nossas raças, tudo o mais terá como resultado o que se vê hoje na nossa população equina, em que me parece difficil de encontrar dous individuos perfeitamente iguaes.

Entretanto é para temer que a influencia official se propague, pois que já vemos as quintas districtaes apresentando *durhams*, que mal vingam satisfactoria e economicamente no nosso paiz, no desempenho completo da sua aptidão; vaccas leiteiras inglezas, com que pretendem melhorar as nossas por cruzamentos, quando temos a raça turina, pouco inferior a qualquer d'ellas, e susceptivel de as igualar ou exceder, pelo emprego da selecção.

Vemos ainda muito elogiados os cruzamentos da nossa raça mirandeza, tão apta para o trabalho, com o Zebu indiano, cruzamento cuja vantagem me parece bastante problematica, ou pelo menos completamente inutil.

Parece-lhes *fixa de mais* a nossa população bovina, e tratam de a collocar no mesmo estado de variação desordenada, em que hoje se encontram pelos esforços officiaes, as nossas raças cavallares.

Deixemo-nos de animaes estrangeiros, deixemo-nos de cruzamentos, porque o seu emprego sob um vasto plano d'applicação ao paiz inteiro, não podendo por fórma alguma ser fiscalizado e dirigido segundo os processos scientificos, dá sempre maus resultados, enchendo o paiz de mestiços em variação desordenada, cujas aptidões não podem ser previstas pelo criador, que a cada passo se vê obrigado a pôr de parte individuos mal conformados, perdendo assim todo o tempo e todo o dinheiro empregado na sua produção. As nossas raças indigenas apresentam todas as aptidões requeridas pela nossa economia agricola; o seu aperfeiçoamento deve apenas consistir na selecção, muito mais facil de pôr em pratica do que o cruzamento, e na criação de prados que lhes forneçam abundante alimentação. Eis o que é preciso, eis o que é util.

Foi assim que os inglezes procederam para a formação das bellas raças que todos hoje admiram e que tanto têm contribuido para a prosperidade da Inglaterra. Porque não fazemos o mesmo? Não poderemos nunca talvez attingir os maravilhosos resultados por elles obtidos, porque o nosso clima a isso se oppõe, mas nem por isso devemos deixar de empregar todos os esforços para nos aproximarmos o mais possivel d'esses resultados.

Os animaes inglezes, levados ao estado em que se encontram por meio de selecção e da alimentação abundante, constituem, por assim dizer, raças artificiaes, que só podem conservar as suas famosas aptidões em quanto se mantiverem inalteraveis as mesmas condições de existencia. Assim o *durham*, entre os bovinos, e o *dishley* ou o *south-down*, entre os ovinos, introduzidos no nosso paiz, onde é impossivel fornecer-lhes a alimentação que lhes convém, não só não poderão transmittir aos descendentes as suas bellas qualidades, como elles proprios as perderão infallivelmente.

É isto uma lei ao mesmo tempo zoologica e zootechnica, a cada passo confirmada pela pratica, mesmo entre nós.

Todos esses cruzamentos, que appareceram na exposição, figurariam mais vantajosamente no jardim zoologico, pois que se a sua importancia é grande em zoologia, é, comtudo, bastante inferior em zootechnica.

Do que podem vir a ser as nossas raças, se convenientemente as melhorarmos, temos na exposição alguns exemplos, ainda que poucos, tanto em cavallos, como em bois d'engorda.

A especie ovina foi a que mais pobremente se achou representada em ambas as exposições, e muito mais inferior na segunda do que na primeira.

As condições economicas da actualidade levam a encarar o carneiro sob um ponto de vista diverso d'aquelle, sob que elle era

considerado antigamente. N'outros tempos era a lã o producto principal, em vista do que foi enorme a importancia dada ao merino hespanhol, unica raça que a apresentava nas condições adequadas ao fabrico dos lanificios. Por esta razão foi o merino introduzido em quasi toda a Europa, onde foi augmentando progressivamente de importancia, até que introduzido na Australia e na America pelos inglezes, ahi se desenvolveu d'uma maneira tal, em virtude das condições agricolas especiaes d'aquelles paizes, que em breve o mercado europeu foi invadido por milhares d'arrobos de lãs coloniaes, estabelecendo uma concorrência terrivel á producção europêa.

Como em outros casos, o agricultor achou mais conveniente tornar o perigo, do que sujeitar-se a uma lucta desvantajosa, e por este modo se voltou para a outra aptidão do carneiro, a producção de carne.

Acontece, além d'isso, que por uma coincidência de circumstancias favoraveis, são os carneiros, que em maior grau possuem esta aptidão, os que produzem tambem uma qualidade de lã (a de pente), que é hoje muito empregada no fabrico. É assim que hoje as raças de lã estambrina, se vão tornando mais importantes do que as de lã frizada, ou merina. É n'este sentido tambem, que nós devemos procurar aperfeiçoar as nossas raças lanigeras.

N'este ponto, porém, estamos ainda bastante atrasados, porque o agricultor não julga dever dar grande importancia ao carneiro, reservando para elle as peores pastagens, que não serviriam para alimentar as outras especies pecuarias. D'isto se resentia a exposição, em que não vimos cousa alguma, que denotasse esforços racionaes n'este sentido. Além dos estabelecimentos officiaes, que apresentavam os *inevitaveis* animaes inglezes, apenas um expositor apresentou carneiros *south-downs*, que emprega para cruzar com as nossas raças. Todos os individuos do grupo apresentado têm entre quatro e cinco annos de idade, o que não indica grandes conhecimentos zootehnicos da parte do criador, o qual deveria saber que o *south-down*, como raça altamente precoce, chega ao seu maximo desenvolvimento na idade d'um anno, idade em que deve ser abatido para o consumo, porque d'então por diante deixa de pagar com vantagem a alimentação, que recebe. A estatura e desenvolvimento dos individuos pareceram-me um pouco inferiores ao que se deveria esperar de verdadeiros *south-downs*.

Um outro expositor apresenta um par de carneiros churros hespanhoes, variedade bastante apta á producção de carne, e cuja lã pertencente ao typo estambrina está nas condições requeridas. É a esta variedade que, quanto a mim, se deveria incumbir o melhoramento das nossas raças indigenas, que tendem para o mesmo typo.

Não haveria n'este caso cruzamento, mas sim selecção, visto a identidade do typo, sendo além d'isso esta variedade incomparavelmente menos exigente do que o *south-down*.

O gado das quintas regionaes e districtaes, quasi todo estrangeiro, é, apesar da sua magnifica apparencia, de inferior importancia em face das nossas condições economicas.

Este gado a ninguem pôde servir de modelo, porque a sua existencia é completamente artificial, não tendo nada que vêr com a economia agricola do paiz.

Se o Estado ou as juntas dos districtos o podem sustentar na altura conveniente, á custa de grandes sommas, o particular não pôde fazer o mesmo, porque os seus fins são ganhar dinheiro e não perdê-lo.

Uma deducção bastante curiosa, ainda que não inesperada, se pôde tirar da analyse da exposição dos gados.

No gado bovino exposto revelam-se importantes tendencias para o melhoramento das suas aptidões economicas, e isto fóra de toda e qualquer intervenção official directa. O resultado opposto se nota nas raças cavallares, sobre que mais poderosamente tem actuado essa influencia e que se encontram ha annos n'um estado de transição, que ameaça tornar-se perpetuo, dando lugar a uma miscellanea de caracteres e aptidões impossiveis de aproveitamento economico.

O que se deve concluir d'aqui é que a influencia official, actuando directamente, é mais perniciosa do que util. E não só entre nós se notam d'estes factos, em todos os outros paizes tem succedido o mesmo sempre que o Estado exorbita das suas attribuições.

A intervenção official deve sempre fazer-se sentir d'uma maneira indirecta pela creação de leis sabias, opportunas, e de pleno accordo com as tendencias economicas da occasião; tudo o mais é completamente negativo.

A exposição do gado cavallar foi bastante pobre em relação ao que podia e devia ser; apenas concorreram, além dos estabelecimentos officiaes, e da casa real e infante D. Augusto, que se encontram em quasi identicas circumstancias, uns cinco ou seis criadores de gado, o resto foi preenchido por cavallos de luxo, apresentados por varios individuos do *sport*, e que alli foram levados pelo desejo de figurar.

Faltou um grande numero de criadores importantes do Alemtejo, os da Beira, os do districto d'Aveiro e os do Ribatejo, centros de creação dos mais importantes. Estas faltas foram em parte reparadas na segunda exposição, que ainda assim ficou abaixo do que era de esperar.

As nossas raças equinas não apresentam um typo definido, cada criador emprega os meios, que melhor lhe parecem, dirigindo-se grande numero de vezes pelos mais estranhos caprichos e descurando quasi de todo os cuidados hygienicos e o bom regimen dos animaes.

O methodo zotechnico seguido é o mestiçamento, com todos os seus defeitos; não ha individuos de raça pura, todos são de meio sangue, $\frac{1}{4}$, $\frac{3}{5}$, $\frac{5}{10}$ e até de $\frac{18}{19}$ de sangue! É preciso confessar que esta nomenclatura tem o quer que seja de ridiculo...

Os cavallos preferidos para os cruzamentos são o inglez e o arabe, cuja influencia ha de acabar por tornar as nossas raças completamente inaptas para todos os serviços, que hoje se exigem do cavallo. O serviço de sella está hoje um pouco abandonado, occupando o primeiro logar o serviço de tiro, pelo que se pretendem cavallos de mais corpo, menos ardentes e insoffridos. No serviço de sella, apenas o cavallo militar tem importancia, pois que o pedido dos animaes de luxo entre nós não é tal que possa animar a sua producção, mas as funcções do cavallo de guerra não pôdem ser desempenhadas pelo cavallo inglez pela delicadeza das suas fórmãs, pelas suas exigencias excessivas, pela sua falta de robustez, sobriedade e resistencia á fadiga, defeitos que as corridas levadas ao ultimo excesso têm produzido.

Do gado cavallar passando ao muar notaremos a grande importancia, que vai adquirindo entre nós a industria da sua producção, porque de facto para os paizes meridionaes é o muar superior ao cavallo para os serviços de tiro, de carga e de lavoura, em virtude do seu temperamento, sobriedade e constituição robusta que o torna mais apto a supportar os mais pesados trabalhos e os grandes calores d'estes paizes.

Ultimamente tem augmentado o pedido d'esta qualidade de gado para diferentes serviços, o que torna esperançosa a sua producção.

Na exposição agricola estava este gado menos mal representado, comtudo em geral a sua creação é bastante desprezada entre nós, não havendo escolha nos reproductores, quasi sempre de inferior qualificação.

Termino aqui esta rapida revista do estado da nossa industria pecuaria e da sua representação na Exposição Agricola da Tápada.

(Continúa).

FILLIPE DE FIGUEIREDO.

BIBLIOGRAPHIA

La Revue Indépendante — politique, littéraire et artistique. Paris — Rue de Médicis, 7: paraissant le 1^{er} de chaque mois, 72 à 90 pages de texte in-18 jésus

O movimento naturalista alarga-se na sua marcha ascensional revolucionando profundamente o gosto e a moderna educação esthetica; mas em França, como em Portugal, sentia-se a necessidade de um jornal em que se congregassem tantos esforços de lucta e propaganda que andam dispersos. A lacuna, que em Portugal se propoz preencher a *Revista dos Estudos Livres*, acaba de ser supprida pela *Revue Indépendante*, que appareceu á luz da publicidade com o seu primeiro numero no mez de maio.

O periodo de lucta para o naturalismo vai no seu termo; mesmo entre os que combatem ainda a nova fórmula não falta quem reconheça que o romantismo se finou asphyxiado nos proprios excessos, nos exageros de seu idealismo romanesco e morbidamente sentimental, e em quanto uns, em desespero de causa, vão vibrando os ultimos golpes ao ponto vulneravel agredindo o naturalismo nas suas demasias, outros vão-se aproveitando das novas doutrinas que tanto têm alargado os horisontes da arte.

Mas para a moderna evolução artistico-litteraria deve abrir-se um periodo novo: fechado o cyclo da lucta, cumpre não repousar á sombra dos louros colhidos, mas aproveitar os fructos da victoria aperfeiçoando-a, corrigindo muitos pontos de vista, fixando a comprehensão dos processos naturalistas pela maneira mais conforme com os elevados intuitos da arte, obviando em summa a excessos que são de ordinario um resultado do primeiro impeto fogoso no ardor do combate.

O movimento renovador do naturalismo, para ser completo e proficuo, carece agora de um trabalho de revisão, de critica e remodelação em um periodo mais calmo de reflexão.

E. Zola, no seu recente romance — *Au bonheur des dames* — parece já inspirar-se n'uma esthetica que entrou n'esta vereda, e o eminente caudilho do moderno movimento naturalista em França é um dos collaboradores da *Revue Indépendante*.

Na lista dos seus colladoradores figuram os nomes dos escriptores mais conspicuos, que em França dirigem o moderno movimento renovador da arte e são a mais segura garantia do valor e utilidade d'esta publicação, como da fiel execução do seu programma, que rompe resolutamente com a tradição e com o eclectismo dos que vacillam no terreno incerto das doutrinas médias.

Entre os nomes dos escriptores contemporaneos mais illustres que lidam pela evolução naturalista a *Revue Indépendante* assignala como seus collabo-

dores Edmundo de Goncourt, Emilio Zola, Affonso Daudet, Swinburne, Eli-sée Reclus, J. K. Huysmaus, Camillo Lemonnier, Guy de Maupassant.

Os artigos que preenchem o primeiro numero correspondem auspiciosamente ás doutrinas e ao programma da nova Revista. Não nos sendo possível fazer menção especial de cada um n'esta rapida noticia, assinalaremos comtudo uma apreciação exacta e conscienciosa sobre os trabalhos de E. de Goncourt, em que o auctor attinge uma verdadeira comprehensão critica do temperamento artistico e dos dotes litterarios do romancista que tanto se distingue pelas suas *psychologias vivas*, para nos servirmos de uma expressão de Taine, e pela singularidade do seu estylo pittoresco, vivaz, expressivo, sem embargo da pecha de amaneirado e precioso com que já tem sido acoidado.

JULIO L. PINTO.

D. João I e a Alliança ingleza — *Investigações historico-sociaes*, pelo CONDE DE VILLA-FRANCA. — Lisboa, Livraria Ferreira, 1884. — 1 vol. in-8.º gr. de 304 pag.

O presente livro é um trecho completo d'uma obra mais vasta, sobre a historia da nação portugueza em suas relações externas com os demais povos desde o começo da monarchia; o motivo que determinou a publicação d'este quadro de uma época nova em que entrou a constituição portugueza, liga-se á reputação da importancia desde muitos seculos attribuida ás nossas alianças com a Inglaterra. O livro, além do seu valor scientifico e litterario, tem um interesse actual, sobretudo depois que o espirito publico começou a discutir os tratados com a Inglaterra, e a aproximar esses extraordinarios documentos que se chamam tratados de Gôa, de Lourenço Marques e do Zaire, observando como a dignidade nacional tem sido lamentavelmente rebaixada. No preambulo do seu livro, escreve o illustre auctor — que « Não desconhece o arrojio de apresentar doutrina em contradicção ao que ha seculos se tem ininterruptamente escripto, mas em vez da pratica rotineira de compendiar as velhas chronicas, e de implicitamente lhes seguir as asserções, procurou elle fundamentar sobre monumentos authenticos e na maxima parte desconhecidos entre nós os momentosos successos que refere. » A competencia especial para historiar a nova politica iniciada por D. João I nas relações de Portugal para com a Inglaterra, politica seguida com raras excepções até hoje, acha-se garantida não só pelo largo estudo accumulado para a sua obra capital pelo snr. conde de Villa-Franca, como ainda pela situação particular das funcções de uma larga carreira diplomatica que tem exercido, como embaixador em S. Petersburgo e Madrid. Para nós a superioridade d'este livro não está sómente no apparato de erudição em que se funda, mas no ponto de vista do criterio que illumina os factos. De ha muito que haviamos adherido a este seguro pensamento de Charrière: « A historia não existe realmente senão pela interpretação politica, que é para cada época o commentario animado e sempre novo d'ella; por seu turno a politica não tem uma idéa que não derive immediatamente da historia, sob pena de não ter mais que um valor historico e uma acção enganadora e passageira. » Pela sua parte já o nosso padre Vieira, envolvido como um completo jesuita na grande diplomacia do seculo xvii, chegára a este elevado pensamento: « *A historia é a alma da politica.* » Estas duas formulas completam-se, uma allude ao conhecimento dos antecedentes sociaes para fundar uma politica viavel e progressiva; a outra incide sobre o conheci-

mento do plano politico de qualquer época ou nacionalidade para comprehender ou interpretar os factos desconnexos da historia. O alto valor do livro *D. João I e a Aliança ingleza*, consiste em ter o seu auctor obedecido em certa forma a este criterio; d'aqui resulta o ter penetrado mais intimamente os factos narrados pelos nossos chronistas, desvendando por vezes a sua parcialidade como em Fernão Lopes, e em ter completado o quadro historico da época do Mestre de Aviz com importantes subsidios dos velhos chronistas estrangeiros nunca consultados pelos nossos compiladores. O illustre escriptor descreve as nossas relações independentes e dignas com a Inglaterra nos reinados de D. Affonso iv e de D. Fernando, em que um rejeitava a proposta de casamento do principe de Galles com sua filha D. Leonor, e em que o outro obrigava por um tratado o rei de Inglaterra a soccorro de archeiros e homens de armas contra as aggressões castelhanas. De repente estas relações invertem-se; o Mestre de Aviz, um bastardo ambicioso que deseja ser rei a todo o custo, para garantia do seu throno enfeuda-nos á Inglaterra: « De todo o ponto notavel é tambem a convenção que em Londres formaram (9 de maio de 1386) os embaixadores de Portugal obrigando o reino a servir em guerra com armas e galés e á sua custa, como effectivamente serviu, a Inglaterra. Esta convenção que os nossos historiadores nem sequer mencionam, porque em geral se limitaram a copiar Fernão Lopes, convenção que por certo o arteiro chronista omittira adrede, para occultar que Portugal fosse servir Inglaterra, marca essa mesma época assignalada em nossas relações com a Gram-Bretanha. N'aquelle proprio dia foi que mediante solemne tratado os nossos embaixadores formaram com aquella potencia a denominada alliança mutua, inda hoje existente. » A pag. 263 e seguintes, traz o snr. conde de Villa-Franca o texto e traducção d'esse desconhecido tratado, extrahido da *Foedera* de Rymer, t. vii, p. 521. A politica illumina os successos da historia nos seus motivos mais reconditos; o que fez D. João i enfeudando-nos á Inglaterra attendendo unicamente ao interesse pessoal da sua pessoa e dynastia, repete-se com a mesma fatalidade logica com outros bastardos que chegaram a reis, como os Braganças, que procuram o apoio do seu throno vacillante alliando-se tambem com a Inglaterra a preço de Tanger, e de Bombaim, e de tratados como o de Methwen, como o de 1810, como a entrega de Portugal ao protectorado inglez sob Beresford, como o *bill* de 1839, as indemnisações de 1850, como a recente trilogia de defraudação colonial dos tratados de Góa, de Lourenço Marques e do Zaire.

O pensamento egoista iniciado em 1386 é ainda o que persiste em 1884, não já por uma transmissão historica mas pelo instincto da segurança individual acordado em igualdade de circumstancias. Bastava a aproximação d'estas duas épocas e dynastias para darem ao livro um logar imprescindivel junto dos que estudam com amor a nossa historia nacional. Póde-se dizer que pela primeira vez entre os nossos eruditos a ideia politica veiu alargar a comprehensão dos factos historicos.

O livro, além da sua ideia fundamental está escripto com um certo effeito pittoresco, fazendo-nos sentir em conscienciosas descrições a vida intima da Edade media portugueza; entre esses quadros avultam a scena de casamento do Mestre de Aviz com a filha do Duque de Lencastre. A descrição do palacio e vida da familia do Duque de Lencastre é importantissima e cheia de saborosissimas anedotas amorosas. O typo verdadeiramente superior de D. Filippa de Lencastre nunca foi tão bem explicado como n'este trabalho.

Bem caberia n'esta parte do livro a investigação da lenda dos Doze de Inglaterra, que falta em um quadro tão bem sentido da cavalleria da Edade media. O livro acha-se matizado com algumas gravuras historicas, que lhe

dão uma certa intenção artistica; lê-se com facilidade e interesse crescente; aprende-se muito, e mais ainda fortalece-nos na verdadeira comprehensão das bases da independência nacional, concluindo por essa desoladora phrase: « Desgraçada a nação que em auxilio estranho fundamenta a independência propria. Se o auxilio se realisa, vergonha é. Se em esperanças fica, é morte inevitavel. »

A figura de Dom João I decae bastante d'aquella idealisação gratuita do eleito das côrtes de Coimbra; a ingenuidade de Fernão Lopes desaparece diante da remissão de factos capitaes que não popularisavam o partido do Mestre de Aviz. Mas que importa? perderá a poesia um pretexto de estylo, mas ganha a verdade historica e a comprehensão do nosso passado nacional.

O valor d'esse livro assegura-se na necessidade de metter em obra na construcção da historia de Portugal as descobertas n'elle consignadas pela relação superior entre a politica e a historia seguida pelo escriptor que sinceramente applaudimos.

THEOPHILO BRAGA.

Lendas e Superstições do Norte do Brazil, por JOÃO ALFREDO DE FREITAS. — Recife, 1884. — 1 vol. de 84 pag.

O Brazil, depois de nos dar uma brilhante pleiade de poetas lyricos, começa agora a despertar intellectualmente, fornecendo á sciencia um grupo sympathico de rapazes estudiosos, que com denodo se lançam na lucta contra a ignorancia e contra o fanatismo. Já de alguns tempos fallado n'esta *Revista*, como Isidoro Martins Junior e Clovis Bovilaqua, e hoje temos occasião de saudar mais um novo campeão das doutrinas scientificas, João Alfredo de Freitas, moço intelligente e illustrado, que se estreiou no anno findo com um interessante folheto sobre o fetichismo religioso e politico no imperio brasileiro. O folheto que temos presente continúa os estudos então inaugurados por elle, e faculta curiosas indicações aos folkloristas, embora a colheita de lendas e superstições nos pareça bastante diminuta em comparação ao que temos o direito de esperar do Norte do Brazil. Aguardamos muito maior riqueza de factos no novo livro que o auctor nos promette na sua advertencia preliminar *A quem ler*.

N'este trabalho occupa-se elle da virtude attribuida aos amuletos, de varias superstições populares, das aves e insectos agoureiros, das orações e remedios de puro caracter tradicional, das lendas provinciaes, etc., tudo mais ou menos relacionado com a evolução commum do genero humano. Concordando com Hæckel que « os phenomenos são devidos a causas mecanicas e nunca a causas visando um fim », accetando a eliminacão positivista das causas primeiras e finaes, João Alfredo de Freitas termina o seu estudo com estas palavras conscienciosamente escriptas: « Depois d'este pequeno exame de factos, depois de expendidas as ideias que ahi ficam, posso concluir o presente estudo, afirmando, que, emquanto não virmos nas manifestações da vida, consequencias de leis naturaes e inevitaveis, emquanto não considerarmos a *humanidade como uma funcção do universo*, o nevoeiro das credences nos occultará a luz da verdade; seremos supersticiosos e ignorantes; a psychologia humana se nos apresentará como um mysterio insondavel, abstruso. »

Que o auctor continue a trabalhar para destruir esse nevoeiro de credences que lá, como cá, ainda encobre as mais simples verdades, é o que deveras desejamos.

TEIXEIRA BASTOS.